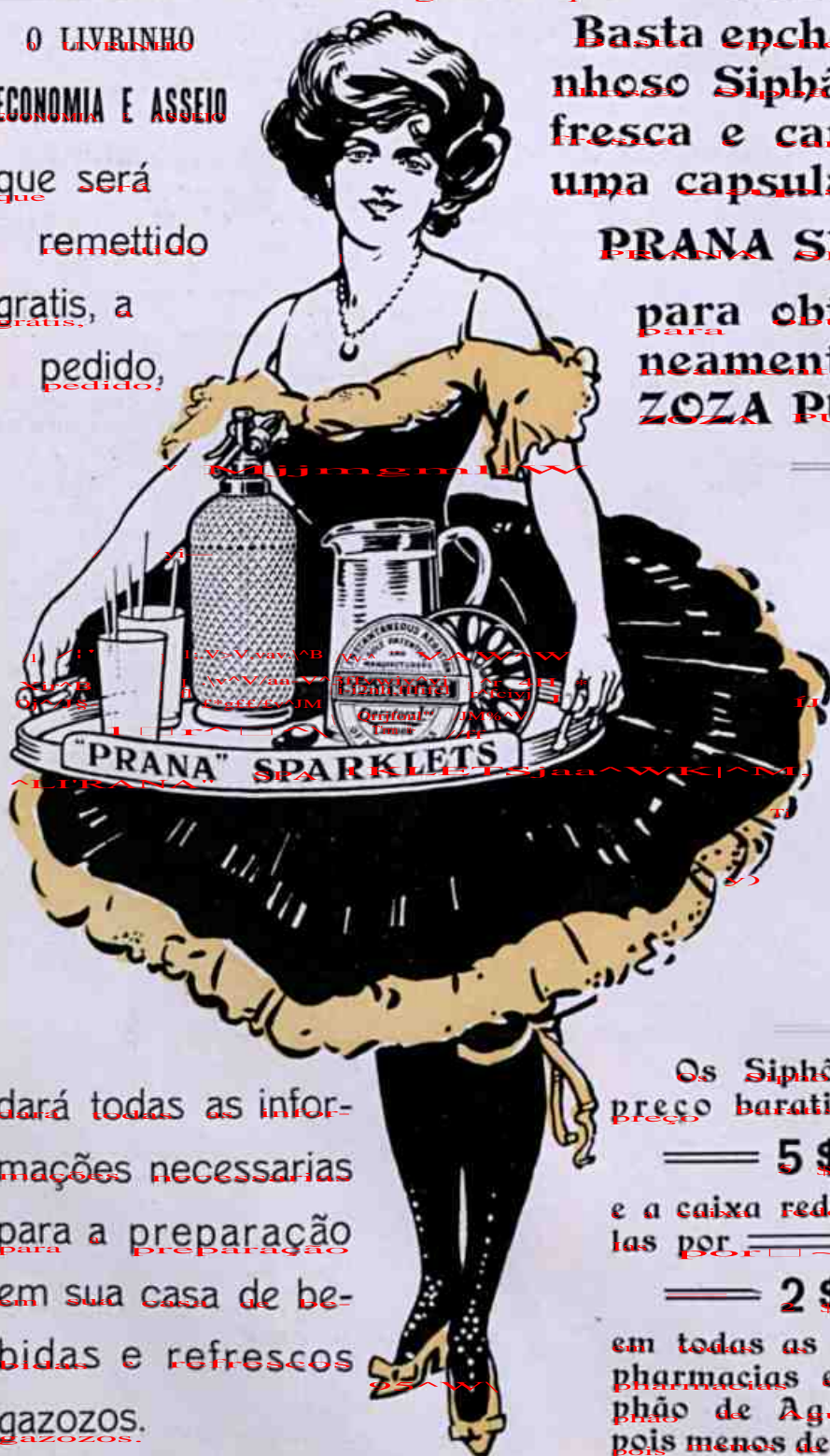
NUM. 85 SABBADO 15 DE JANEIRO DE 1910 ANNO III

Careta

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908

DR. AARÃO REIS — o amigo de infancia dos governos.

PARC ROYAL
(REGISTRADO)
Costumes Tailleur para Senhoras
Fig. 1054.— Costume Tailleur, linho branco superior, golla de cor, botões cobertos, todos os tailles.
Preço 24$000
Fig. 1271.—Costume Tailleur, linho branco superior, saia Princesse, jaquette comprida, inteiramente bordado, todos os tailles.
Preço 115$000
Fig. 1004. — Costume Tailleur, linho branco superior, saia corselet alto, jaquette comprida, bordados em alto relevo, todos os tailles.
Preço 78$000
Fig. 1270.—Costume Tailleur, linho branco superior, saia de coz alto, jaquette comprida, bordados em relevo e ajour, todos os tailles.
Preço 130$000
Fig. 1271
Fig. 1270
Fig. 1054
Fig. 1004
Largo de São Francisco de Paula—Avenida Central— RIO DE JANEIRO

NA SUA PROPRIA CASA!
Uma fabrica de gazoza que só lhe custa 5$000
O LIVRINHO
ECONOMIA E ASSEIO
que será
remettido
gratis, a
pedido,
dará todas as informações necessarias para a preparação em sua casa de bebidas e refrescos gazozos.
Basta encher este engenhoso Siphão com agua fresca e carregal-o com uma capsula
PRANA SPARKLETS
para obter instantaneamente AGUA GAZOZA PURA.
O manejo do Siphão "Prana Sparklets" é tão simples, que não necessita experiencia nem cuidado.
"PRANA" SPARKLETS
Os Siphões vendem-se ao preço baratissimo de
5$000
e a caixa redonda de 12 capsulas por
2$000
em todas as casas de bebidas, pharmacias e drogarias. O Siphão de Agua Gazoza custa pois menos de 170 réis!!
Deposito: CASA HERMANNY
RUA GONÇALVES DIAS 67 — AVENIDA CENTRAL 126

REDACÇÃO E OFFICINAS: RUA DA ASSEMBLÉA, 70 — RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS — ANNO ..... 15$000 | SEMESTRE ..... 8$000 || NUMERO AVULSO — CAPITAL ..... 300 Rs. | ESTADOS ..... 400 Rs.

EDIÇÃO DE "KOSMOS"

N. 85 | RIO DE JANEIRO — Sabbado — 15 — Janeiro — 1910 | ANNO III

MEIOS DE LOCOMOÇÃO

(POR TRINCAFIGOS)

Viajar é uma delicia, mas todas as excursões, salvo no paiz dos sonhos, têm os seus precalços. Dos varios meios de locomoção o mais commodo seria provavelmente o cavallo, se Deus tivesse munido o homem (como muniu o macaco) de uma pelle mais reforçada e resistente na parte que se adapta ao sellim. Apezar dessa contingencia, o cavallo é ainda preferido pelo soldado e pelo camponez; pelo soldado, porque é o vehiculo mais facil de volver atrás e pelo camponez por ser o mais seguro e economico. Uma vez, percorria eu certa estrada da Tijuca, em automovel, quando numa volta o carro esbarrou no tronco de uma arvore. Foram duas horas de trabalho para convalescer o vehiculo e pôl-o em estado de continuar o caminho. Emquanto estavamos ás voltas com chaves e parafusos appareceu um caipira puchando pelo cabresto o seu cavallo:

— Que é isso, moço? o carro quebrou? fugiu a parelha?

— Não; respondi. Isto é automovel; anda por si, sem animaes.

— Ahn! E que é isso grosso que oncê leva ahi, parecendo um argollão?

— E' um *pneu* de sobresalente para quando se fura uma das rodas em meio do caminho.

— Ah! Pois ha mais de trinta annos que lido com cavallos e nunca precisei trazer uma perna de sobresalente para trocar no meio da viagem!

E despediu-se.

Não tinha razão esse tabaréu?

Um amigo meu, aeronauta amador, me procurou um dia destes.

— Sabe? Trincafigos, realizei um grande aperfeiçoamento na navegação aerea. Talvez dentro de um mez não use outro vehiculo senão o balão.

— Resolveste então o problema da segurança aerea?

— Resolvi-o inteiramente. Inventei um systema de laços e nós pelos quaes a barquinha fica solidamente segura ao balão. Não ha meio de arrebentar. Você póde entrar na barquinha com duas, tres ou quatro pessoas, com saccos de aréa; póde levar até barras de ferro que os fios não se rompem. E' uma segurança absoluta.

— Então a barquinha supporta o peso e não cae?

— Absolutamente não!

— E o balão?

— Ah! isso agora é outra cousa!

Todos os progressos da locomoção têm esbarrado sempre num ou noutro empecilho difficil de remover. O balão está aperfeiçoadissimo, apenas não se descobriu ainda o meio de garantil-o no ar. O aeroplano, se podesse manter-se no espaço era o ideal da locomoção. O automovel, esse se aguenta bem no seu meio que é o chão, mas com a condição de que a estrada não tenha despenhadeiros de um lado ou de outro. Apezar dos naufragios, o navio é o meio mais commodo do homem viajar. Mas o enjôo? O enjôo é seguramente o maior supplicio que afflige a humanidade.

Numa viagem ao norte tive por companheiro de beliche certo cavalheiro conhecido por sua coragem e fortaleza de animo. Nunca houve perigo que o assustasse nem receio que lhe quebrantasse o espirito. Entrou no calhambéque do Lloyd despreoccupado e tranquillo como quem entra num salão. Em quanto o vapor esteve atracado, pilheriou com os passageiros, offereceu charutos alegre e jovial. A piroga começou a mover-se. Dentro em pouco o meu amigo entrou a transfigurar-se. Esvaeceu-se-lhe a alegria; os olhos se arregalaram; comprimia o estomago com as mãos e ao transpor a barra recolheu-se á cama. Dahi a dez minutos chamou o criado:

— O Sr. chamou? quer alguma coisa?

— Quero, *steward*! Quero que me tragas um continente, e com pressa!

O *steward* arregalou os olhos;

— Queira desculpar, mas não temos a bordo.

— Então me arranje uma ilha!

— Tambem não temos.

— Ao menos uma doca; com urgencia!

— Acabaram-se.

— Pois então digá ao commandante que metta a pique esta canôa, com Deus ou com os dia...!

O final da blasphemia lhe sahiu da bocca de envolta com o jantar.

Deixei esse amigo no Pará, disposto a voltar ao Rio por terra.

Bem faz outro amigo meu que nunca usou outro meio de locomoção senão o cavallo: até aos dez annos de idade, cavallo de páo; dos dez annos em diante, cavallo de S. Francisco.

Critica

— Fique sabendo, dizia indignado certo poeta a um amigo que lhe aconselhava jogar ao fogo seus versos, que os poetas nascem poetas, não se fazem depois...

— Meu caro não procures jogar a culpa sobre teus paes.

EM NEW-CASTLE

S. A. I. O Principe Zai Suun, chefe da missão naval chineza, S. S. Ex. Chentung Liang-Cheng e Li Ching Fong, da embaixada da China, os armadores Harold e A. F. Yarrow; Beelby Alston e Almirante Grant, na casa Yarrow, depois da visita que fizeram, nos respectivos estaleiros, ao novos navios da marinha do Brazil.

TELEGRAPHO SEM FIO

(Serviço de ultima hora)

Commandante José Carlos de Carvalho — Rio — O segredo da poesia é impenetravel para quem, logo ao nascer, não o advinhou. E' inutil tentar devassal-o. Veja, na Camara, o seu collega Murat que desde mocinho, remoendo uma sanfona, ainda não conseguiu, apezar de já ter attingido a edade em que se pinta o bigode, desferir uma só nota de verdadeira poesia. Veja o caso tristissimo do Floriano de Brito que não podendo arrancar accordes de harpa ao seu monotono berimbáu investe contra o merito alheio e sae a esgravatar erros na lingua purissima dos mestres como si quizesse justiçar a pobreza da sua intelligencia com o descuido occasional dos outros. Faz V. Ex. muito bem. Continue a discursar mas não faça versos. Os seus discursos alegram a Camara e os seus versos envasiariam as galerias.

D'zia o director de uma agencia matrimonial que quando elle propunha algum bom partido ás senhoras as respostas eram sempre as mesmas.

As mocinhas perguntavam sempre:

— Como é elle ?

As viuvas moças:

— Quanto tem elle ?

As de idade um tanto madura:

— Quando ?

O MARTYRIO DE S. SEBASTIÃO

Seraphim Sebastião era official da estatistica, como o Sr. Julio do Carmo, se bem que não fosse como este intendente contestado.

38 annos, casado, brasileiro, 1 metro e 65 de altura, cabellos e bigodes castanhos e o dedo *mindinho* da mão esquerda pegado ao *seu visinho* por defeito natural.

Casado affirmei. Sim, S. Sebastião, como elle assignava no livro do Ponto de sua Repartição, era casado desde os 26 annos com a pessoa de genio maior resinguento e desagradavel desta Capital Federal.

Era uma mulherzinha baixa e parruda, toda *tic-tic*, em movimento perpetuo, sempre a brigar com S. Sebastião quando este estava em casa, com os creados, quando S. Sebastião ia para o trabalho, com os visinhos quando os creados fugiam de casa e até com os transeuntes quando os visinhos não chegavam á janella. Era um resmungo perenne, o diabo da mulherzinha.

E sempre se lastimando. Que era uma victima, uma sacrificada, uma martyr das lutas domesticas...

De sorte que para algumas pessoas, S. Sebastião passava por um tyranno terrivel.

Coitado de S. Sebastião! O genio mais humilde que já, tem vindo ao mundo encarnado em forma de gente!

Eu a principio, quando me mudei para a casa proxima á do casal, acreditei nos queixumes da excellentissima metade (metade não, tres quartos) de S. Sebastião e comecei a ver este com pouca sympathia, apezar de sua apparencia. Mas as apparencias illudem tanto!...

Com a minha vida um tanto bohemia, mal parando em casa, não fôra testemunha ainda das tragedias domesticas dos meus visinhos.

Hontem porem, como com o calor saltasse do leito ahi pelas 5 1 2 da manhã, da minha varanda testemunhei...

Pobre S. Sebastião! Como eu fôra injusto!

O desgraçado com uma bacia de rosto nas mãos passava pela varanda, os olhos ainda vermelhos de somno quando escorregou e cahiu. A bacia fez-se em cacos.

S. Sebastião molhado, uma das mãos ferida levantou-se e ficou a olhar para os pedaços com a cara mais triste deste mundo. Mal pude reprimir o riso. Nisso surge D. Perpetua, do interior. Contemplou a catastrophe, poz as mãos á cintura e fixou no pobre marido uns olhos cheios de ascuas ironicas.

— Sim senhor! Foi bom que o causador do prejuizo fosse o senhor! Se fosse eu que quebrasse a bacia, que tempestade já não teria havido!

S. Sebastião calado. E eu a pensar. "Que malvado! E é hypocrita! Ora se elle batesse na mulher pela quebra da bacia eu daqui mesmo havia de protestar." D. Perpetua continuou:

— Sim, o senhor se cala, mas se fosse eu a culpada que barulhão! Já teria acordado toda a visinhança com o escandalo!

S. Sebastião, calado.

— O senhor é capaz de negar que se fosse eu, não teria sido ainda victima das suas brutalidades? Hein? Já não me teria xingado de desasarada, imbecil, e outros nomes feios? Ande tenha coragem ao menos, homem, confesse logo, já eu teria sido tratada como a ultima das mulheres.

S. Sebastião, calado.

— Ande, pode fazer a sua cara de santo, já tão minha conhecida, que não me engana. Se fosse eu a causa do prejuizo, que horror! Uma bacia de louça ordinaria que custa 5$000 em qualquer parte! Uma porcaria de que até me envergonhava! Uma pinoia muito atôa! Um caco velho sem valor!

S. Sebastião, calado.

— Arre! Que os seus modos já vão me aborrecendo, ouviu! Essa carinha de santinho do páo ouco, uns olhos de peixe cosido já não me enganam. E's um malvado, um bandido, um tyranno, ouviste! Se eu quebrasse a bacia já me terias batido, miseravel! Se eu deixasse, infame! E dizer que eu me casei com semelhante typo! Sabes o que tu mereces, sabes?

S. Sebastião, calado.

D. Perpetua approximou-se delle.

— Estou percebendo o desejo que tens de me bater, mas estás muito enganado, ouviste. Um homem como tu, só merece, sabes o que?

E D. Perpetua, a angelica creatura saltando ao pescoço de S. Sebastião agarrou-se-lhe ás orelhas.

S. Sebastião, calado.

— Infame! Malvado! Bandido! Canalha! Miseravel!

Do quarto eu ainda ouvia a surra que S. Sebastião apanhava.

Nunca mais tirei o chapéo para semelhante jararáca.

S. Sebastião está aqui, está no céo.

X.

Quinta da Bôa Vista

A quinta da Bôa-Vista, havia tanto entregue ao mais desolador abandono, agora, por inducção do Sr. Prezidente da Republica, está sendo completamente restaurada, para tornar-se, dentro de breve, o passeio mais lindo desta Capital, superior ao *Bois de Boulogne*, muito embora peze esta nossa opinião ao *snobismo* indigena.

As aléas magestosas de tamarindeiros, com a sua folhagem baloiçante, como uma perenne chuva viridente, estavam transformadas n'um matagal bravio e intenso; e esse colossal caramanchão que as taquaras gigantes formavam maravilhoso, mais parecia uma caverna tetrica.

A lindissima cascata, os riachos artificiaes que serpeiam pelos gramados, os massiços de verdura, tinham a effectividade de um montão desconnexo de pedras eram aguas grossas, lodosas, paradas, putridas, onde apenas os nenuphares abriam misericordiosamente o explendor de suas flores alvi-rajadas; capoeiraes selvagens que mais pareciam abrigo de feras.

Agora tudo se transforma pelo bemfazejo influxo do mesmo condão reparador. As vastas alamedas reapparecem, limpas, bellas, formando os seus deliciosos tunneis de verdura; os regatos deslizam, entre alcantis, as suas aguas limpidas; e a cascata resurge despenhando a sua queda de agua irizada.

Logo que estiverem terminadas as obras que a Inspectoria de Mattas e Jardins, por determinação do Governo, ahi opera, poderá o Rio de Janeiro orgulhar-se de ter o mais lindo passeio para um verdadeiro *Corso*, deixando a perder de vista o decantado *Palermo* e enchendo de novas raivas don Estanisláo Zeballos.

Quinta da Bôa Vista

I. Um passeio. — II. O Mirante.

Recordações tristes

O velho. — E eu tambem mammei... Fui bem apertado contra o peito de minha ama mas no tempo em que só tinha vontade de comer.

FOLHINHA DA «CARETA»

JANEIRO

DIA 8 — *Sabbado* — Santa Gudula, S. Luciano, S. Lourenço, padroeiro dos *beefs* de grelha.

Calendario positivista — 8 de Moysés de 122. *Bellus*, inventor do *casus belli*. Semiramis, rainha que inventou os jardins em aeroplano.

DIA 9 — *Domingo* — S. Julião, constructor de torres em Lisboa e de bonecos no Brasil. S. Brasilissa, brasileira adoptiva. S. Celso de *Souza*, papa-ovo. S. Marcionilla. S. Marciana mãe da precedente. S. Marcellino, bispo civilista da Bahia.

Calendario positivista — 9 de Moysés. *Sesostris*, sujeito do Egypto.

DIA 10 — *Segunda-feira* — S. Nicanor (*vade retro!*) S. Agathão, esposo de D. Agatha. S. Paulo, eremita civilista. S. Marciano general civilista. S. Gonçalo de Amarante, casamenteiro das velhas.

Calendario positivista — 10 de Moysés. *Manú*, autor de umas leis que ninguem conhece e por isso não são cumpridas (nem curtas).

DIA 11 — *Terça-feira* — S. Theodosio. S. Hygino, advogado. S. Hortencia, padroeira de jardins. S. Anastacia, *globe-trotter*.

Calendario positivista — 11 de Moysés. *Cyro*, sujeito muito pedinchão ao que parece, pois ainda se conserva em memoria delle a *Cyropedia*.

DIA 12 — *Quarta-feira* — S. Bento, morro do Rio onde ha um convento que levanta emprestimos em Londres. S. Satyro, padroeiro de uma capella construida pelo Sr. Rodrigues Barbosa. S. Arcadio, autor da poesia *Arcades ambo*.

Calendario positivista — 12 de Moysés. *Zoroastro*, coronel de bombeiros e intendente *manqué*.

DIA 13 — *Quinta-feira* — S. Hilario, padroeiro dos jornaes humoristicos. S. Gumercindo, revoltoso brazilio-uruguayo. S. Leoncio, instructor municipal. S. Veronica, numismata.

Calendario positivista — 13 de Moysés. *Ossian*, cantor de modinhas. Os Druidas.

DIA 14 — *Sexta-feira* — S. Felix, do *Jornal do Commercio*. S. Malachias. S. Bernardino de *Campos*.

Calendario positivista — 14 de Moysés. *Budha*, fundador de religiões.

DIA 15 — *Sabbado* — S. Amaro, ministro do Supremo Tribunal. S. Secundina, santa que vem depois. S. Mauro, bispo preto como o Sr. Monteiro Lopes.

Calendario positivista — 15 de Moysés. *Fo Hi*, corruptella de *foi*, tempo de verbo.

DIA 16 — *Domingo* — Os santos martyres de Marrocos, soldados hespanhóes. S. Honorato Alves, deputado brazista.

Calendario positivista — 16 de Moysés — *Láo-Tsen*, vendedor de *camaió*.

DIA 17 — *Segunda-feira* — S. Antão, *mata-carôchas*. S. Deodoro, o maior santo do céo nos tempos que correm. Haverá missa em todas as igrejas mandadas rezar pela Junta-Pro-Hermes-Wenceslão. A imagem do Santo feita ás pressas por um santeiro de farda, amanhecerá juncada de milhares de cartões de visitas.

Calendario positivista — 17 de Moysés. *Meng-Tseu*, vendedor de *camaió*.

DIA 18 — *Terça-feira* — S. Prisca, santa das éras antigas, que bem longe vão. S. S. Amimonio e Volusiano, rebarbativos.

Calendario positivista — 18 de Moysés. Os *Theocratas* do Thibet, sugeitos profundamente desconhecidos.

DIA 19 — *Quarta-feira* — S. Canuto, padroeiro dos organistas. Outros santos pouco conhecidos.

Calendario positivista — 19 de Moysés. Os *Theocratas* do Japão, sugeitos cujo nome ninguem sabe.

DIA 20 — *Quinta-feira* — S. Sebastião, descobridor do Rio de Janeiro.

Calendario positivista — 20 de Moysés. *Magnus Sonahal*, theocrata dos suburbios.

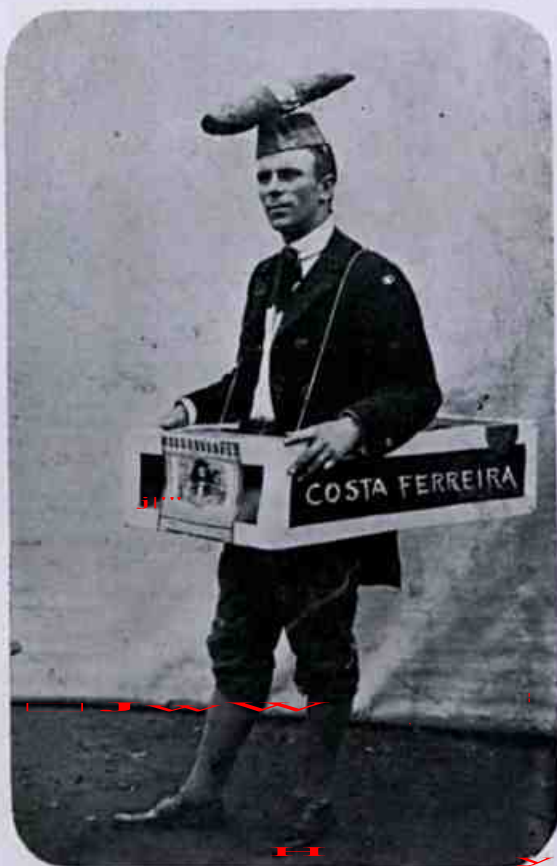
DIA 21 — *Sexta-feira* — S. Patroclo, padroeiro dos banqueiros. S. Fructuoso, cidadão muito liberal. S. Ignez que é morta.

Calendario positivista — 21 de Moysés. *Confucio*, politico brasileiro, padroeiro do Sr. Thomaz Delphino.

Livro notavel

A senhorita Marieta Gombalez, dilecta filha do commendador Nabuco Gombalez e distincta noiva do Sr. Ernesto Cibrão tem no prélo uma obra notavel destinada ás noivas e que se denomina — *O que as noivas não devem saber*.

Graças a essa obra as noivas vão ficar sabendo o que não devem saber e foi, de certo, com o seu noivo, que a jovem autora aprendeu *O que as noivas não devem saber*.

CIRCO SPINELLI

Um dos numeros da revista *«Tudo pega»*

Reclame da fabrica de

Charutos Costa Ferreira

RUY BARBOSA

Senador Ruy Barbosa e sua exma. esposa descendo as escadas do cáes Pharoux.

O Senador Ruy Barbosa cercado pelo povo, que o acclama, no dia do seu embarque para a Bahia onde vae fazer a propaganda de sua candidatura á presidencia da Republica. Emquanto isto o marechal Hermes, parte para Icarahy a tomar banhos de mar.

CRIADOS

POR PUCK

Entre amos e criados verifica-se, com a normal intensidade, a lei da attracção e repulsão magnetica: amo e criado do mesmo sexo se repellem; do sexo contrario se attrahem. A queixa das donas de casa contra as criadas é classica. Só conheci uma dona de casa que não se lastimava nesse ponto, pelo motivo que nunca teve uma criada. Eu, por exemplo, tenho um copeiro que me serve ha cinco annos. Tambem é o modelo dos copeiros. E' raro que elle quebre mais de um apparelho de chá por mez. Quanto a compras, nunca retira porcentagem maior de vinte por cento. Se o mando comprar um queijo de 4$000, nunca leva mais de cinco. E' muito escrupuloso nesse particular. Tambem reconheço a sua seriedade e o conservo. Mas em materia de criadas minha casa é como um cinematographo, entram por uma porta e sahem por outra, ás vezes antes de eu vêr-lhes a cara. Uma, minha mulher não quer porque é tagarella, outra porque é muda, esta, porque é des-leixada no trajo, aquella porque é pelintra e todas porque não prestam. Quando se demoram é por pouco tempo.

O mez passado contratamos uma arrumadeira nem moça, nem velha, nem pouco asseiada, nem pelintra, nem muda, nem tagarella. Parecia que ia se eternisar na minha casa por seis ou oito mezes e talvez mais se não fosse um incidente imprevisto.

Eu tenho um filho de cinco annos, por appellido — Mingóte. Todos os meus amigos sabem que elle se chama Domingos Sueiro Leitão, porque não ignoram que é meu filho e que me chamo: Pulcherio Sueiro Leitão. Pois apezar disso um amigo desocupado, como lhe faltasse assumpto depois do jantar, virou para o pequeno:

— Mingóte, como se chama você?

— Chamo Mingóte.

— Não, isso é appellido. Você se chama é Domingos. Domingos de que?

— Domingos Mingóte.

— Não! eu vou ajudal-o. Seu pai com se chama?

— Chama papai.

— Você não me comprehende! Qual é o sobre nome de seu pai? Como é que a criada chama seu pai?

— Ah! Agora eu sei: Pulcherio-meu-bem!...

Sabem quem pagou a tolice do menino? A pobre da criada!

No dia seguinte entrou outra, quarentona, cara fechada, diligente, feia (na opinião de minha mulher) e de poucas palavras. Tudo correu bem nos primeiros dias mas logo o Mingóte implicou com a pobre mulher. Pregava-lhe pirraças, atirava-lhe escovas, arrancava as cobertas das camas, depois de feitas, para lhe dar trabalho; uma perseguição.

Minha mulher um dia chamou-o á ordem:

— Não faça isso, Mingóte, não amofine a Maria. Fique bomzinho d'agora em diante e não a persiga mais. Vá; agrade-a, dê-lhe um beijo...

— Não vê que caio nessa!...

— Porque? meu filho.

— Estou para ella me metter o cabo da vassoura como fez com papai!...

Despedida no mesmo dia.

Ora, já viram só a invenção do menino? Invenção pura; pura calumnia. Nunca me passou pela cabeça beijar criadas; juro! Admitto (só para argumentar) que eu tivesse feito a loucura de pespegar um beijo na Maria, mas ainda assim o Mingóte mentiu: 1º) porque elle não estava no corredor no momento, como verifiquei e tenho certeza; 2º) porque o facto se deu, não com a vassoura mas com o espanador. Apezar de tudo isso a Maria foi sacrificada.

Hoje estou com a casa cheia de marmanjos. Quem lava a roupa é um hespanhol, chamado Perez; o passador a ferro é italiano; o cozinheiro é paraguayo; o arrumador de quarto é um portuguez do Alemtejo estupido e honesto; o jardineiro, austriaco; o pagem das crianças é russo, e nesse *embroglio* internacional mantem severa disciplina o copeiro, que é mulato e pernostico. Em renumerações desse serviço extraordinario, elevei-lhe a tolerancia nas compras a 25 %.

Catecismo conjugal

— Qual é o dever de um marido?

— Agradar á sua mulher.

— E qual é o dever da mulher?

— Agradar.

No caes do Pharoux:

— Os officiaes de marinha levam a melhor das vidas: fazem longas viagens atravez de todos os mares.

— Nem sempre.

— V. Ex. ha quantos annos é marinheiro?

— Ha 15.

— E quantas viagens já fez?

— Duas. Fui a S. Paulo pela estrada de ferro e a Paquetá na barca Visconde de Moraes.

— Vou recommendal-o ao ministro Alexandrino.

Exigencias

— Você brigou com o Juca? Um rapaz tão distincto?

— Ora! Elle queria por força que eu aprendesse russo.

— Russo? Mas para que, santo Deus?

— E' que eu lhe servia de modelo para os seus quadros; ia elle agora pintar um "Interior russo", e então...

— Fizeste muito bem.

Um Bello Trabalho

O patriotismo talqual o interpretam os politiqueiros da cadeia velha.

A BOTA FLUMINENSE

FABRICA E DEPOSITO DE CALÇADO PAULISTA

O proprietario desta tão conhecida casa avisa ao publico que está fazendo uma grande liquidação de fim de anno; chama a attenção para a lista de preços que segue.

VISITEM A NOSSA CASA PARA VER A REALIDADE — GRANDE QUANTIDADE DE SALDOS

PARA HOMENS

Artigo	Preço
Botinas fortes a ponto, 5$	6$000
» pellica america, 8$	10$000
» » inteiriças	9$000
» de bezerro c/ botão, 6$, 7$ e	10$000
» » » inteiriças, 7$ a	10$000
» amarellas, 7$, 9$ e	10$000
Borzeguins de bezerro, 8$ a	10$000
Sapatos de verniz, 10$, 12$ e	13$000
» de lona branca, 2$500, 4$ e	10$000
» de pellica americana, 9$, 10$ e	12$000
» de cangurú, envernizados, feitos á mão, fitas largas, 15$ a	18$000
Botinas de cangurú, pretas e amarellas, 12$ e . .	14$000
» de pellica, pretas, feitas á mão, 16$, 18, 20 e	22$000
» de pellica americana, feitas á mão, 10$ a .	12$000
Botas de cangurú envernizado, feitas á mão, 18, 20 e	22$000
Borzeguins de pellica, diversos gostos, feitos á mão, 18$, 20, 22 e	25$000
Botinas de abotoar, pretas e amarellas, feitas á mão, 16$, 18, 20 e	22$000
Sapatos, botas, borzeguins, fantazia, duas cores, 11$, 14, 18 e	22$000
Borzeguins de lona branca, 7$500, 12, e.	15$000

PARA SENHORAS

Artigo	Preço
Sapatos pretos e amarellos de abotoar, 4$500, 5$, 6$, 10$ e	12$000
» de cordão ou pompon, 4$, 5$, 6$, 8$, 12$ e	15$000
» de pello ou pellica branca, 7$, 8$ e	10$000
» lona branca, 2$500, 3$500, 5$ e	7$500
Botas, lona branca, 8$, 10$ e	12$000
Botas, pretas e amarellas, 9$ a	22$000
Borzeguins de pellica americana, 5$500 e	6$000
Borzeguins a Luiz XV, 15$ e	24$000
Meias botas de elastico, 6$, 8$, 10$ e	15$000
Ultima novidade, sapatos Chalkika, elegantes e modernos, sapatos Viuva Alegre, sapatos de verniz, systema americano, 10$ e	12$000

CALÇADOS PARA CRIANÇAS

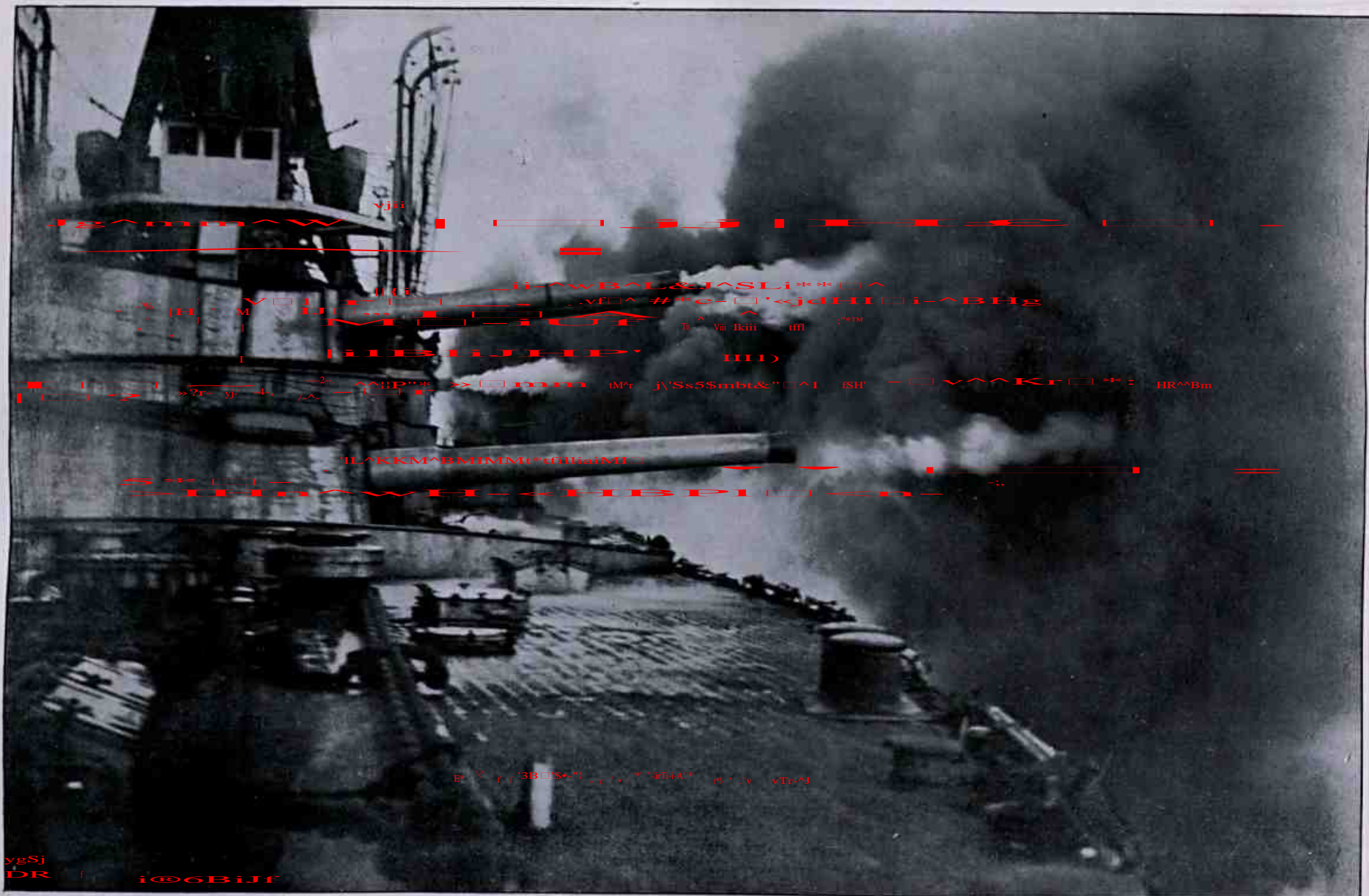
desde 1$500 para cima.

Artigo	Preço
Chinellas de liga, 1$100 e	1$200
» cara de gato	1$500
» pello e helbutina, 2$, 2$500 e	3$000
» marroquins, 2$200, 4$, 5$ e	7$000
» cara de gato, forradas de 1ª	3$500
» charlot legitimos, marca chave	7$000

E muitas outras marcas de calçados como sejam: Paulista, Francezes e Americanos que deixamos de annunciar por absoluta falta de espaço.

VER PARA CRER!!! — **VER PARA CRER!!!**

123, Rua Marechal Floriano Peixoto, 123 — CANTO DA AVENIDA PASSOS

A nossa casa tem tres portas e duas vitrines

O "Minas Geraes" disparando dez canhões a um tempo.

CARTAS DE UM MATUTO

Comade, na nossa terra,
Quando ocê se dá co'arguem,
Conhece a famia inteira
Os fio e o gado tombem.
Conhece o nome de todos,
Sabe se é gente de bem,
Se trata os cavallo a mio
E inté as posse que tem.

Mas cá na côrte do Rio
O costume é defferente.
Como havéra de não sê
Co'este absurdo de gente ?
Ocê entra numa sala
E não conhece os presente ;
Ha pessôas que nem sabe
Adonde mora os parente.

Eu tenho cá meus amigo,
Minha muié tem os della.
Comade, ocê nem carcúla
Quanto amigo tem Biella!
Eu não conheço metade;
Quando tomos na jinella
Não são trinta nem corenta
Que passa e que sódam ella.

Entonce os cartão e carta
Que lhe vem pelos carteiro,
Se eu fosse vendê a pezo,
Arranjava bão dinheiro
De menhã inté de noite
E' cartas o dia inteiro
Já viero mais de cem
Só neste mez de Janeiro.

Eu não leio nem pregunto
As missiva de quem são.
Ansim que vou recebendo
Eu entrego ella na mão.
Tombem o que que adianta
Se as carta vem aos montão ?
Nem porveito as fôia limpa
Como se faz no sertão.

Mas porém, um dia destes,
Entre as carta que chegaro
Vinha uma tão cherosa
Que me causou arreparo
Entonce eu disse : "Biella,
Esta daqui eu separo.
Aqui tem coisa, muié !
Eu conheço pelo faro."

Ahi ella esperneiou,
Avançou na minha mão,
O collete rebentou,
A anagua cahiu no chão,
Quiz tomá, pro força, a carta,
Gritou, fez um baruião...
Se ella não fosse condessa
Eu lhe dava uns bofetão.

Berrei : "Pro bem ou pro má
Hei de lê ! Não ademitto !"
E empurrando ella prum lado,
Eu rasguei o sobiscrito.
Ella arregalou os ôio
E desmaiou, dando um grito.
Eu ahi, mais desconfiado,
Comecei a lê, affrito.

A carta dizia ansim :
"Minha querida condessa,
Cada dia que se passa
Eu perco mais a cabeça.
Não seja ingrata, querida,
Ou me escreva ou appareça,
Se não qué que sua osencia
Faça com qu'eu enloqueça.

"Honte eu tive lá no ponto
E esperei o dia inteiro,
Que meu marido tá fóra,
Só vorta em fim de janeiro.
Amanhã, meu bem, sem farta,
Vá no ponto costumeiro,
Vinte abraço e trinta beijos
Da amiga — Joanna Loureiro."

Despois que vortou a si,
Puz ella no canapé
E disse : Ocê me descurpa;
Te peço perdão, muié !
Como esta letra é de home,
Eu queria vê o que é.
Mas vejo que me enganei.
Toma e leia seu papé."

Ella inda zangou comigo,
Queixou, com muito azedume,
Que nunca me deu motivo
Nem rezão pr'eu tê ciúme.
Que isso não tinha prepósito,
Que eu deixasse esse costume,
Que uma senhora de bem
Não agüenta esse rejume.

Mas eu fiquei intrigado
Co'essa tal amiga Joanna
Que escreve com letra de home
Com tanta trica e chicana.
Como não sei essas moda,
Nunca vi d'isso em Sant'Anna
Fiz cá comigo tenção
De conhecê a fulana.

Logo no dia seguinte,
Quando acabou de armoçá,
Biella entrou para o quarto
E trancou pra se enfeitá.
Pertou bastante o collete
E, depois de se pintá,
Vestiu, botou seu chapéo,
E sahiu pra passeá.

Eu me fui no rasto della
Pra vê o que acontecia.
Ella entrava numa rua
E eu alli rente seguia.
Ella não oiava atrás
E por isso não me via,
Inté pará num jardim
Que dá vista pr'a bahia.

Bem memo em frente ao portão,
Um home tava esperando.
Ansim que Biella chegou,
Elle foi logo sodando.
Despois de uns cinco minuto,
Elles junto, conversando,
Me assubiu um nol nas guela
E gritei, fazendo escando :

"Essa é que é sua amiga Joanna?
Ah muié doida, maluca !
Agora piêi ou não
Ocê co'a mão na combuca ?
Entonce ocê não se enxerga ?
Siá trouxa véia, caduca !
E o senhô tome seu rumo
Que eu lhe racho, se retruca !"

E fui regaçando as manga
Pra mettê sem dó as mão.
Biella, toda chorosa
Disse : "Tenha compaixão !
A amiga não poude vi
E entonce mandou o irmão
Qu'é um home muito sério,
Muito honrado e chama João.

Joanna mandou me dizê
Que não poude me encontrá
E é só este o recado
Que seu João me veiu dá."
Ahi entonce eu pedi
Seu João pra me descurpá
E convidei elle p'ra i
Na minha casa jantá.

Graças a Deus, siá Thereza,
Tudo acabou em bonança,
E eu ganhei mais um amigo
Qu'é um home de fiança.
Mas diga lá : mia muié,
Com suas coisa de criança,
Me dá ou não dá rezão
Pr'eu tê mia desconfiança ?

Meu genro, ha duas semana
Que véve de promptidão
Esperando a quarqué hora
Que venha a conspiração.
Muitas lembranças a todos ;
Abraço a padre Romão.
Do véio amigo e compade
Tiburcio D'Annunciação.

Em um collegio

O alumno de astronomia: Professor, eu creio que descobri uma nova estrella.

O professor (distrahidamente): Em que theatro?

Na barbearia

— Quanto lhe devo? perguntou o freguez.

— Unicamente 500 rs. pela barba; e note que não lhe cobro absolutamente os curativos nos talhos.

EM FAMILIA

A sogra. — O senhor é um bandido. Sua mulher é uma desgraçada.

O genro. — E' natural. A senhora não diz que sua filha é o seu retrato?

Com o seu poder maravilhoso, o

Dr. DIAS DO NASCIMENTO opéra milagres!

OS PARALYTICOS CAMINHAM; OS INVALIDOS, CONDEMNADOS POR OUTROS MEDICOS, OBTÊM A SUA SAUDE.—NÃO HA MOLESTIA QUE ELLE NÃO CURE.

O seu grande poder faz desapparecer as dores, cura os cancros, os tumores, os diversos estados nervosos, opera maravilha admirada pela medicina moderna e presta qualquer explicação, por carta, ou verbalmente.

Offerta de consultas GRATIS, em seu consultorio, para os doentes e afflictos. Os medicamentos por elle receitados são duplamente energicos, porque recebem a influencia psychica. Elle prefere tratar das molestias consideradas incuraveis.

As curas, quasi milagrosas, operadas pelo DR. DIAS DO NASCIMENTO; com consultorio á RUA CAMERINO N. 142, revestem um caracter tão surprehendente, que foram causa de uma grande curiosidade, immenso prazer e de uma não menor admiração. Muitas vezes elle curou doentes considerados incuraveis por outros medicos e os fez voltar á vida e á saude, por um modo incomprehensivel.

O seu poder é circundado de um profundo mysterio, pois que os mesmos medicamentos, em outras mãos não dão resultados.

O DR. DIAS DO NASCIMENTO pretende ter descoberto uma certa lei natural, que possue a propriedade, maravilhosa e desconhecida, de fazer com que os remedios absorvidos pelos intestinos, exerçam sua acção, convergindo, em massa, para o ponto onde está localisada a molestia. Com o emprego desta descoberta, não ha molestia incuravel. Está estabelecido, com provas irrefutaveis, que esta maravilhosa descoberta prolonga a vida dos que estão á beira do sepulchro; dá longos annos de vida aos tuberculosos, em ultimo periodo; faz com que o cancro e outros tumores malignos se tornem benignos; e favorece a concepção nas mulheres estereis.

Os seus conselhos são absolutamente gratuitos, para quem quer que seja, e, embora o seu saber lhe permitta limitar a sua obra a uma clientela rica, elle prefere dar os seus conselhos e examinar a todos gratuitamente, sem distincção nem de classe, nem de fortuna.

«A minha descoberta, me pertence, diz elle: e della me servirei em beneficio de todos. Eu posso curar, muito facilmente, a falta de concepção, as paralysias, o cancro, a tuberculose, o nervosismo e outras molestias consideradas como incuraveis. O meu desejo é dar os meus conselhos tanto aos pobres como aos ricos. Quando se trata de vida e de saude, as demais causas são secundarias. Já se foi o tempo em que o medico, por uma simples receita, pedia uma fortuna. Eu curo o pobre e o rico, do mesmo modo: não levo em conta a posição social de meus clientes. Sinto-me forçado a usar do meu processo para todos, sem differença, e nada me pode impedir de fazel-o. O que se diz dos outros, pouco se me importa; eu sinto que sou impulsionado por uma força, que me impelle a usar de minha descoberta em beneficio de meus semelhantes, pois que, affirmo novamente não ha molestia que eu não possa curar.»

Esta affirmação parecerá paradoxal, mas é verdade, nua e crua!

A moderna therapeutica não curou ainda um crancro; cirurgia opera, mas o cancro se reproduz, e conduz a morte lenta.

«Eu curo o cancro sem auxilio do bisturi. Uma de minhas clientes era atacada deste terrivel mal; ella via a morte, que se approximava, mas resolveu submetter-se ao meu processo de cura, e está radicalmente curada».

«A embriaguez é tambem, uma molestia considerada como incuravel».

Muitos doentes que soffriam de embriaguez e que se submetteram a meu processo de cura estão radicalmente curados.

Por que modo se obtém essas curas maravilhosas?

Porque possue elle este poder sobrenatural?

«Precisaria muito tempo para descrever o meu systema de curar, mas pretendo escrever um livro, no qual descreverei o meu modo de curar e como obtive este poder maravilhoso».

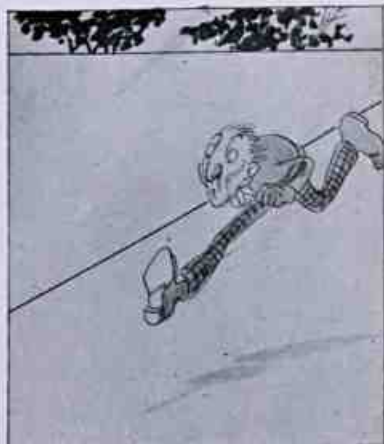
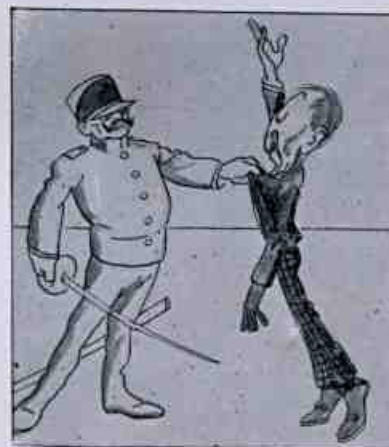
A todos os que lhe escreverem, dizendo os symptomas, promptificar-se-á em receitar e em transmittir-lhe as suas influencias.

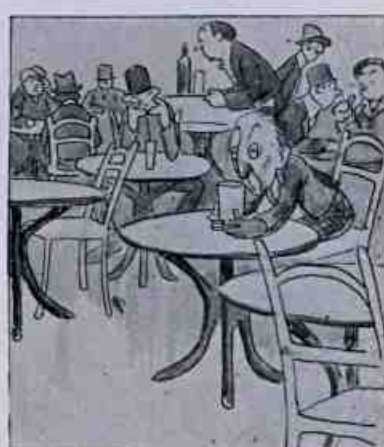
CONSULTORIO: — 85, RUA CAMERINO, 85 — SOBRADO

(PAVIMENTO TERREO) PROXIMO A' FUNDIÇÃO INDIGENA

BREDERODES SUCUPYRA

Alta noite, Brederodes surprehendeu o seu vigia immerso em profundo somno.

O nosso grande heroe estava realmente morto, mas morto por se ver livre d'aquella grande estopada e escafedeu-se.

Na rua o Brederodes voava. Dir-se-hia que um bond da Light se transformara em ser humano.

Mas no caminho o fugitivo foi seguro por um homem tambem fardado que exigiu do pobre diabo um viva ao Marechal.

Brederodes (já se sabe), não se fez esperar. Quasi arrebentou um pulmão mas escapou de uma lambadas.

Brederodes tinha sede. Tambem é natural. Depois de uma carreira e um susto as caldeiras seccam. Foi beber.

Bebeu, mas, naturalmente o homem não fiava. O grande espiritista não exitou. Num gesto apavorado apontou um canto da casa e gritou: Fogo!

Estabeleceu-se o panico. E emquanto chamavam o Corpo de Bombeiros o Brederodes fugiu

escapando ás garras policiaes, graças aos seus grandes meritos de corredor eximio.

(Continúa)

J. CARLOS

J. Carlos foi petropolisar em Therezopolis. Aproveitando a sua curta ausencia, livres dos importunos protestos da sua modestia, os seus companheiros vulgarisam-lhe a physionomia publicando-lhe o retrato, numa grata homenagem ás firmes qualidades do seu altivo caracter, e ao seu maravilhoso e original talento, a cuja poderosa força creadora esta revista deve as mais bellas paginas da caricatura no Brazil.

Além do nobre desejo de prestar esta publica demonstração do nosso affecto ao companheiro tão justamente querido e respeitado, julgamos de urgente necessidade, para os effeitos da admiração e para outros effeitos, popularisar a esguia figura do popular J. Carlos, pois os bonecos do extraordinario caricaturista são d'elle e só d'elle e se os louros do artista devem ser repartidos comnosco, as irreverentes pauladas com que porventura o aggrida a exaltação do despeito ou da politica só a elle pertencem.

Eil-a, senhoras e senhores, a candida face do innocente J. Carlos.

A ESMOLA DO NATAL

(A' S. M. EL-REY D. MANUEL II, DE PORTUGAL)

Senhor, a vossa avó, Santa Izabel, a bôa,
Saia percorrer as ruas de Lisbôa,

Disfarçada em saloia, ou monja, ou camponesa,
Para bem acudir onde geme a pobreza.

Tudo o que lhe ia á mão: offrendas e dinheiro,
Era para o Obulario, um parco mealheiro.

Tinha o povo por Ella esse grandioso amor,
Que hoje sente tambem por Vossa Mãe, Senhor!

Não havia no Reino uma grande desdita,
Que não achasse amparo em sua mão bemdita.

Faltando a esmola, o pobre, algumas vezes tinha,
Lagrimas a cahir dos olhos da Rainha.

Muitos, ao seu olhar, que a prece ideal invoca,
Sorriam ao morrer co'uma benção na bocca!

D. Diniz era o Rei, vosso augusto áncestral,
Um dos maiores reis que teve Portugal,

Era piedoso e bom, guerreiro e trovador,
Votando á régia esposa o mais sincero amor.

Ditoso: todo Reino em searas florescia;
P'ras frotas do mar fez o pinhal de Leiria;

Ia — ouvir rouxinóes nos soutos verde-escuros,
— Vêr o nascer do sol pelos trigaes maduros...

— Sorria a tudo quanto apprazia á Rainha,
Só lhe rogava não andar assim sósinha.

Veio a peste que assolou cidades e outeiros...
Muito cavou nesse anno a enxada dos coveiros!

Veio a miseria, após colheitas más e raras,
Uma chuva de neve amortalhara as searas...

— "Vou abrir hospitaes, o povo vai ter pão...
Brilhe o sol da alegria em vosso coração,

Rainha! Mas sustai vossa visita aos pobres!
Todos sinos, ouvis? batem sinistros dobres...

Choupanas e solar a peste desaninha...
Vossa esmolér missão, cessai, por vida minha!"

Beijando a mão a El-Rey, D. Isabel, tão bôa
Jurou não mais ir vêr seus pobres de Lisbôa.

Veio o Natal. Um frio asperrimo, inclemente,
Soprava das regiões do Tejo e Benavente,

— "Jura fatal fiz eu a El-Rei, disse Ella... Horror!
Deixar ao desamparo os pobres? Não!... Senhor,

E' vosso dia! Eu levo a alegria ao tugurio;
Vou dar festas aos meus... perdoai-me o perjurio!"

Abre o Obulario e sae, sob a nortada fina.
Pouco depois voltou vestida de Varina:

Alvo, amplissimo avental da mais fina bretanha,
Chapeu de feltro sobre a madeixa castanha;

Lenço Beirão grênat descia o collo e vinha,
Prender á cinta; mãos, — eram mãos de rainha!

Nesse traje garrido, era o lilaz mais lindo...
— Leve, cruza o salão como quem vai fugindo...

Eil-a preste a sahir! El-Rei perdoaria,
Quem lh'o ia contar! Nem Elle o saberia.

Corre lésta, acenando ás damas: "Voltarei"...
Subito, abre-se a porta e surge alguem: — El-Rei!

D. Diniz, a sorrir, com ar de ceremonia:
— "Onde ides? Mas, por Deus, que linda estás, camponia!

Linda assim eu só vi ao norte de Portugal...
Varina, o que levais na dobra do avental?—"

— "São flores, meu senhor, que eu vou depôr no altar,
Para que Deus nos dê o seu benigno olhar..."

— "Que pesadas que são. Essas não tem odores...
Todas de uma só côr: Deixai vêr essas flores...

Bocca, fonte do Bem, de onde a graça me vinha,
Manchada de mentira! Olhai em vós, Rainha!"

Disse El-Rei na altivez de um aspero azedume...
— Nisto o olhar da Rainha ardeu de estranho lume.

Ajoelhou, e erguendo as mãos juntas aos ceus,
O avental lhe cahiu... O' milagre de Deus!...

Ante as damas de honor, pallidas, assustadas,
O dinheiro mudou em flores variegadas,

Do mais lindo matiz, rolando pelo chão!
— "Salve, Rainha... Santa! El-Rei clamou: Perdão!

E, ante a esmola de luz que Deus trazer-lhe vinha,
Ajoelhou a rezar ao lado da Rainha,

Rio, Maio, 1909. ALBINO COSTA

Monumento a Floriano

A estatua de Floriano e a figura da Victoria. Envoltos na bandeira apontam os vultos de Tiradentes, José Bonifacio e Benjamin Constant.

ORACULO

Domingo. — Serão vendidas em hasta publica as opulentas batatas com que a maioria enriqueceu á Camara e retiradas desse edificio pelos agentes da Limpeza publica. Se não apparecerem compradores esses fructos da eloquencia partidarias erão depositados, pela junta de Hygiene Mental, nas estufas crematorias da ilha de Sapucaia.

Segunda-feira. — A noticia de que o Carnaval correrá animado e sem pancadaria determinará uma crise de prosperidade para o commercio de cabo de chapéo de sol.

Terça-feira. — A cavallaria de industria tendo em vista a relevante protecção que lhe dispensam algumas das nossas autoridades policiaes as elevará á cathegoria de cavalleiros dessa industriosa Ordem.

Quarta-feira. — Sob a provecta direcção do coronel Rodolpho Abreu inaugurar-se-á o Banco de Credito Rural destinado a desenvolver a industria da agricultura politica mediante emprestimos fornecidos pela nação sob a garantia dos productos agricolas da oratoria judaica.

Quinta-feira. — O maestro Barroso Netto consagrará a sua Marcha de Quatro Mãos aos convencionaes de Maio.

Sexta-feira. — Uma commissão de zoologistas formulará um protesto contra a attitude imposta ao leão do Club Militar.

Sabbado. — O notavel professor Parreiras inaugurará a sua exposição de caricaturas de paysagem.

MME. DE THEBES

Monumento a Floriano

A Cachoeira de Paulo Affonso. (Do poema de Castro Alves). Grupo da base do monumento.

Boatos

Correram hontem os seguintes:

Que os *habitués* do Largo do Machado estavam de *promptidão*. Pelo que o chefe de policia mandou guarnecer de forças aquella praça;

que um moço perguntou a outro na Avenida: — levaste bomba? — A policia mandou vigial-o por secretas tendo se verificado tratar-se de um estudante que levou bomba no exame;

que o Sr. Irineu Machado fez compras em um armarinho: a policia suppondo que armarinho é casa de vender arma, metteu-se em grandes trabalhos apurando afinal que o Sr. Irineu comprára uma peça de fazenda;

que um civilista em evidencia deu um espirro: posta immediatamente de promptidão uma companhia de guerra, foi a mesma desfeita por se verificar que o espirro foi consequencia de uma pitada de rapé;

que dous individuos seguiram rumo do Cattete dizendo que iam pôr fôgo na mécha para fazer a explosão antes da noite: postos sob vigilancia, guarnecido de forças o Palacio, verificou-se por fim tratar-se de dous cavouqueiros que iam fazer explodir uma mina na pedreira da rua Bento Lisboa;

que houve forte tiroteio em Botafogo: seguindo forças para aquelle bairro, descobriu que o tiroteio não passava de um automovel que descarregava a gazolina;

que o Dr. Murtinho adherira... ao celebre e extincto Congresso de Geographia.

TELEGRAMMAS

(Serviço especial da "Careta")

Theatrinho da Gávea, 8 — Pedio licença para tomar parte nas nossas representações, afim de iniciar a sua aprendizagem, o popular actor Peixoto.

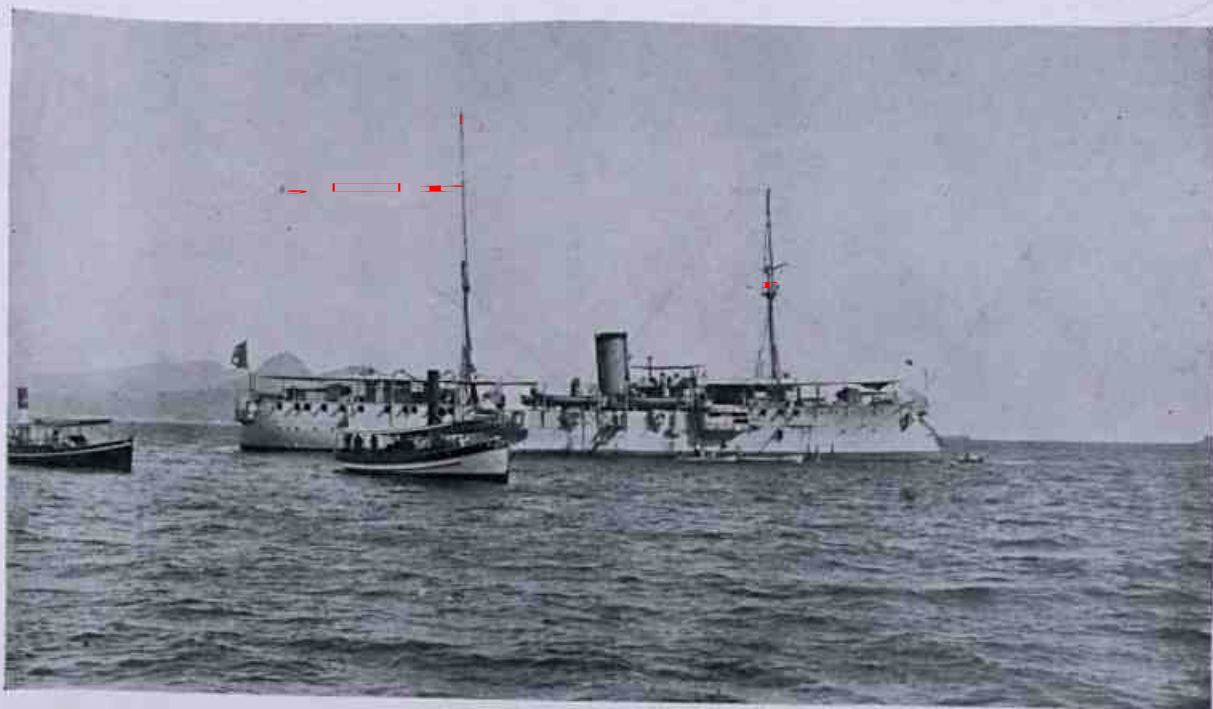
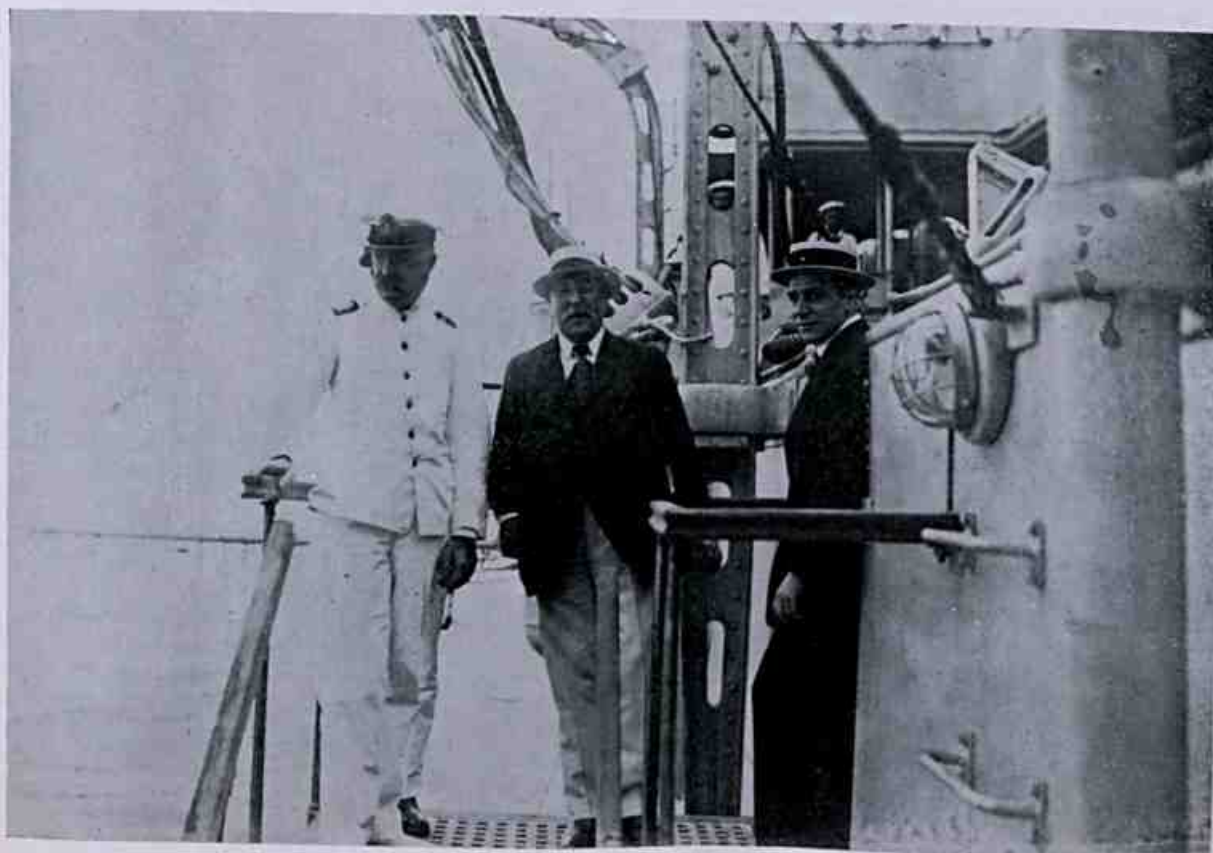
Foi-lhe concedida permissão para interpretar os papeis mudos que não exigirem jogo de physionomia.

Copacabana, 9 — Hoje, quando o emerito tribuno Avellar Brandão veio fazer o seu exercicio diario de parolagem discursando ás ondas, reunio-se immensa multidão que, cheia de enthusiasmo, vaiou o orador.

Botafogo, 10 — Considerando que os modernos gabinetes de toilette devem ser tão arejados como as toilettes modernas Mme. Germaine, adoravel franceza ultimamente chegada de Paris, acaba de arrendar o Pavilhão de Regatas tencionando transformal-o em quarto de vestir.

Laranjeiras, 11 — Uma actriz famosa pela sua belleza e pela sua incapacidade theatral vae abandonar a scena publica para, em theatro domestico, fazer scenas conjugaes.

Corcovado, 12 — Veio do Cattete veranear neste pico a interessante Mme. Violante, que a quinze dias perdeu o seu esposo, o commendador Agrario. A desolada viuva está muito acabrunhada por continuar enfermo o Dr. Evencio, que foi seu noivo antes do casamento.

MARINHA PORTUGUEZA

O cruzador da gloriosa armada portugueza "S. Gabriel" ancorado nas aguas da Guanabara.

A bordo do "S. Gabriel" S. Ex. o sr. conde de Selir, ministro portuguez e o secretario de legação sr. José Lampreia em companhia do commandante Pinto Basto no dia da chegada do cruzador.

GAVETA DE CARTAS

N. Pinho (Rio). A sua *Modestia historia de um primeiro beijo*, absolutamente não nos interessa; nem de certo, interessaria os nossos leitores, pois se todos elles fossem a escrever as historias dos seus beijos não teriam mais que fazer.

Jorge de Abrantes (Rio). De facto o amigo é poeta e tanto. Seus sonetos são do genero immortal. Então o dedicado a Nitheroy é estupendo :

"Nitheroy linda cidade que adoro,
Resplandecente flor inda em botão
Plantada em fino vaso do Japão
A cuja sombra bemfazeja moro.

Flor que a fragrancia respiro inebriado,
E me produz miragens exquisitas
Que no meu peito guardo *reconditas* (!!!)
Como um mysterio de amor repudiado !

Estrella azul brilhando no infinito
Como uma Sylphide envolta em gaze
Que não se póde contemplar sem *extase* (!!!!)

Canto da terra perfumado e bemdicto
Meiga princeza a mirar-se no Oceano
Emmoldurada na luz de um Ticiano !

O outro é mais ou menos nas mesmas condições, de modo que não vale a pena reproduzil-o. O Sr. Abrantes de uma cousa póde se orgulhar: no genero asneira poucos lhe poderão levar as palmas.

H. Lyra (Rio). Não está no genero que nós costumamos publicar.

G. V. Leão (Porto Alegre). Isso de querer ferir seus adversarios por nosso intermedio será muito commodo, não ha duvida, mas não nos sorri absolutamente. Guarde suas mofinas para os ineditoriaes de algum jornal d'ahi, e ponha seu nome por baixo.

Sylvestre Barbosa (Bahia). E' porventura o amigo nosso orientador? Já lhe pedimos conselhos algum dia? Use do seu enthusiasmo politico á vontade, mas não queira obrigar os outros a compartilhal-o. E se lhe não agrada a orientação da *Careta*, tem bom remedio ; é não compral-a.

Mario Almeida (Sabará). As photographias devem ser muito nitidas, que em caso contrario, preferimos sacrifical-as a sacrificar a nossa revista.

Samuel Brederodes (Nitheroy). Vamos examinar a sua versalhada, mas quando tivermos tempo. Tambem aquelle calhamasso espantaria qualquer.

Basilio Neves (S. Paulo). Seus versos são mimosos, originaes, correctos, etc., etc., como diz, não temos duvida em concordar. Tanto é assim que aqui damos uma pequena mostra:

Suaves passarinhos no arvoredo
Entoavam suaves cavatinas
Suave o arroio murmurava a medo
Perpassando suave entre as ruinas...

Suave a tarde lêda ia cahindo
Suave o sol o occaso empurpurava
E mais suave então, ia eu subindo
A ladeira suave em que morava...

Mas quanta suavidade! Tão suaves os seus versos *seu* Neves que suavemente escorregaram para a cesta do lixo.

Santos Fialho (Santos). Vamos examinar.

Calixto Eloy da Silva e *Benevides da Barbuda* (Bello Horizonte). Não somos tão crianças assim que tão facilmente caiámos de cavallo magro. Guarde a sua collaboração para outros. Aqui não servimos a interesses mesquinhos.

Mario Bastos (Rio). Será publicado quando houver espaço.

Santinha (Rio). Pedimos desculpas pela demora, senhorita, mas será para breve.

Pobresinho

A' porta da igreja da Gloria um individuo pede esmolas para um "pobre homem carregado de familia" com a voz mais lastimosa deste mundo. Uma senhora compassiva, interroga-o, dando-lhe 5$000 :

— Quantos filhos tem ?

— Só tenho um minha senhora, mas em compensação tenho tres mulheres.

— Que diabo vem a ser divida fluctuante ? pergunta o senador Bernardo Monteiro ao senador Francisco Salles.

— Não estou lá muito certo, não, mas porém perém deve ser o orçamento da marinha.

Quinta da Bôa Vista

I. Riacho á margem da entrada principal. — II. A minuscula ilhota das Juritys.

BELLO PROGRAMMA

NOVO CANDIDATO Á PRESIDENCIA — INTERVIEW

Consta-nos que o Sr. Delphim Moreira, num movimento patriotico, tinha se resolvido apresentar-se como candidato de conciliação á Presidencia da Republica.

Este consta nos alvoroçou sobremaneira e isto pelo motivo seguinte: o Sr. Delphim Moreira tem de ha muito, em nós, admiradores ferrenhos e incondicionaes. Sempre vimos no Sr. Delphim a unica esperança desta Republica. Admiramos o seu nome tão apagado que ninguem jamais se queixou de haver delle vindo qualquer mal, admiramos o seu trabalho tão methodico e tranquillo que nada ainda transpirou delle cá pelo mundo, admiramos...

Emfim, o Sr. Delphim era a nossa esperança. Por isto, mal tivemos noticia da sua resolução, mandamos um reporter intervistal-o para colher de sua sua propria bocca, o programma que S. Ex. tem em mente para o seu governo. Damos em forma de dialogo, o *interview* magnifico que alcançamos, agradecendo ao illustre e talentoso deputado a maneira affavel por que tratou o nosso representante:

Rep. — Desejava que V. Ex. me dissesse antes de tudo qual vae ser o lemma do seu governo. O lemma hoje é tudo: não viu o Nilo com o *Paz e Amor?*

Candidato — O meu lemma será este: *Liberdade!*

Rep. — Magnifico, não ha duvida. Vejo, porém, que V. Ex. ainda sonha...

Candid. — Não sonho. Esta palavra *liberdade* não só é o meu lemma como nella cifra-se todo o programma do meu governo!

Rep. — Todo o programma!

Cand. — Todo o programma. No meu governo, desde o primeiro dia, o cidadão brasileiro gosará a maxima liberdade, terá todas as regalias que elle almeja. Para isto eu estou estudando os gostos, as paixões, etc., do povo. Estudo muito: já tenho o meu plano financeiro bem delineado. Emfim, sendo eu eleito, terei coragem de pôr em execução os meus projectos: e então o povo brasileiro será o mais feliz da terra!

Rep. — Qual será o primeiro acto de V. Ex.?

Cand. — O meu primeiro acto será decretar que o anno constará de duas partes: seis mezes de carnaval e seis mezes de sabbado da alleluia. O nosso povo é sempre feliz no carnaval e nos sabbados de alleluia: ora, o anno se dividindo desta forma, que felicidade!

Rep. — A idéa é magnifica. E si não fosse importunação, qual seria o seu segundo decreto?

Cand. — Mandava abrir as cadeias e soltar os presos. Acho um absurdo o governo sustentar á sua custa tanta gente (e gente da peior especie) emquanto a lavoura morre á mingua de braços! Abria as cadeias a bem da lavoura.

Rep. — As suas idéas são luminosas...

Cand. — Outra cousa que eu faria, agora que conheço o temperamento do povo, seria ordenar o jogo livre. Officialisava o *High-Life*, nomeava-lhe um director, e podia mesmo equiparar ao *High-Life-Nacional* alguns outros clubs do paiz.

Rep. — Mas...

Cand. — Outra idéa que poria em execução: acabar com a policia maritima! Deixar entrar e sahir quem queira! Para isto não se parecer com a China que fecha os seus portos... Demais isto agradaria á rapaziada.

Rep. — Então...

Cand. — Farei muitos córtes, por economia: acabo com o Supremo Tribunal, vendo a esquadra, extermino os cartorios e fecho os hospitaes. Nada de tristezas!

Rep. — E a respeito de instrucção publica?

Cand. — Que instrucção publica, nada! Sendo o anno dividido em seis mezes de carnaval e seis mezes de sabbado da alleluia, as escolas devem estar fechadas porque tudo isto é feriado.

Rep. — Ouso lembrar a V. Ex. que o povo não achará prazer tendo um carnaval tão longo: V. Ex. deve ter notado que o povo só se diverte verdadeiramente no 3º dia de carnaval.

Cand. — Não me pegas em falso! Pensei nisto mesmo: mas o meu decreto estabelecerá que os seis mezes constam de terceiros dias de carnaval!

Rep. — Sendo assim... E os planos financeiros?

Cand. — Ah, estes são admiraveis. Eu descobri que o Brasil é um paiz pobre porque os brasileiros não têm dinheiro: pois bem, o meu governo dará dinheiro aos brasileiros. Mandarei fazer alguns milhões de contos em notas de 100$ e darei a cada brasileiro uns dez mil contos: a uns mais, a outros menos, conforme.

Rep. — Mas papel só não é riqueza...

Cand. — Pensei nisto. Pelo que um dos meus primeiros actos será pedir a cada paiz do mundo 100 mil contos ouro, emprestados...

Rep. — E quando estes paizes exigirem o pagamento, como se arranjará com elles?

Cand. — Pensei nisto. Quando algum paiz exigir o pagamento, dá-se por conta um estado da União.

Rep. — Eu peço desde já que quando V. Ex. tiver de lançar mão de algum estado para dar ao estrangeiro lance mão em primeiro logar do estado de Minas!

Cand. — Como! O senhor não é patriota... Sendo mineiro faz um pedido destes!

Rep. — Faço este pedido justamente por ser patriota: eu desejo que o meu estado seja o primeiro a ficar livre do seu governo!

E o nosso representante não ouviu mais nada, porque metteu o pé no mundo e veio para a redacção escrever estas notas.

Seratas...

A esposa de X. senhora intellectual e smart começou a cathequizal-o para dar seratas literarias nos seus salões.

X. não gosta nada do genero, mas como bom esposo concordou com tudo preferindo a sécca ás brigas.

Fizeram-se os convites. Chegou o dia: poetas, folhetinistas, *conteurs*, *causeurs*, toda a literatura academica e não academica encheu o salão de X.

Mme. X. rejubilava.

X. recebia os convidados elle mesmo e introduzia-os.

Fez-se literatura durante horas.

X. resistiu algum tempo, mas afinal tonto de somno embarafustou pelo interior da casa, metteu no bolso um chapeu molle, atravessou os salões e sahiu pela porta principal. Quando chegou á antecamara encontrou um creado profundamente adormecido em uma poltrona. E X. indignado, possesso, puxando-o por uma orelha:

— Seu patife! Dormindo a somno solto! Sou capaz de apostar como foi escutar á porta!

EM PIRASSUNUNGA

Mlles. Alzira, Emilia e Almerinda, filhas do capitão Quintino Martins, realisando um concerto fluctuante.

Postaes de Therezopolis

Eis nos sob a sombra fortificante e amena da original Serra dos Orgãos.

Envolvido num tenue capote de neblina, lá está descarnado e agudo o Dedo de Deus, na mudez eloquente de um gesto que exige fé.

Rompendo o seio sadio d'este sólo opulento, escorre a lavar milhões de pedras redondas a agua branca do rio Paquequer e, quando um accidente de terreno o faz despencar em cachoeira, sente-se um ruido meigo e bem pouco semelhante ao que se ouve, quando de um *fauteuil* do Pathé ahi assistimos uma fita que nos reproduz as cascatas do Zambeze ou as quédas do Niagara.

Palmilhando as estradas barrentas e amollecidas pela chuva, atravessam os nossos classicos tropeiros deixando cahir sobre aquelles que passam a vida com mais conforto, um olhar vago e meigo.

A modestia é aqui e em todas as cidades brasileiras do interior a fortuna do pobre. Ainda hoje sentados na varanda do hotel um grupo de hospedes, com curioso interesse, interrogava um preto que fabrica doces, e o triste doceiro, com um sorriso docil, respondia a tudo e, como estribilho, dava graças a Deus. Perguntaram ainda se o seu pai existia. A resposta foi negativa e, embora pouco opportuno, o meigo interrogado accrescentou:

— Graças a Deus.

A vida vegetal é aqui de um vigor extrarordinario. As hortencias desabrocham, tintas de um colorido violaceo que muito desacredita as que ahi na capital apparecem, mais dignas de uma guia para um hospital botanico. As framboezas, como gottas de sangue vivo, surgem, matizando o verde alegre da relva dos caminhos. Tudo vive: desde o penhasco rijo até o mais pequeno pennacho de tiririca.

As tropas, no seu movimento melancholico, passam transpondo a estrada e, como complemento das correias da cangalha, levam uma vara fina que se ergue e se agita, obedecendo o passo lerdo dos bucephalos spleneticos.

Não temos a orchestra da Brhama nem o auxitophone do Odeon, mas a passarada gorgeia o dia inteiro sem trautear um unico pedacinho da estafada Viuva Alegre.

Pelos caminhos avermelhados, margeados de tapetes verdes, não vôa um unico automovel. Na encruzilhada mais proxima, não se vê a linha esthetica de um só guarda civil. Em compensação, as gallinhas só morrem na cosinha do hotel e os transeuntes (si quizerem) andam de olhos fechados.

Não devemos fazer a menor allusão ás camelias da capital porque aqui bem perto do lado d'essa janella a esquerda está uma camelleira e para que ella não se torne vaidosa é prudente calar. As hortencias chucharam elogios, é verdade, mas aqui junto á janella ellas não teem uma só representante.

Como é natural, o leitor nada tem a ver com isso. Por conseguinte paremos e emquanto o leitor vai ao Pathé ver as ultimas extravagancias do Max Linder, o missivista promette um outro postal e deixa sahir da penna um despretencioso

J.

3-1-910.

O senador Rapadura metteu-se a discutir historia natural com um rapaz de conhecimentos. A discussão versava sobre a origem dos morcegos: Rapadura affirmava que os ratos depois de velhos viram morcegos e o rapaz de conhecimentos assevera que não, que os morcegos se reproduzem, que o senador estava dizendo uma asneira etc.

Palavra vae, palavra vem, e o rapaz se irrita e chama o rapadura de *animal*.

Rapadura se offende e diz que não queria brigar, que estava discutindo sciencia:

— Da discussão nasce a luz! — pondera (tudo isto com o celebre riso de leitão).

O rapaz se arrepende de ter offendido a tão branda creatura e dá logo uma satisfação.

— Eu lhe chamei de animal, senador, não foi por offensa: o senhor é animal racional.

Rapadura continúa desconfiado e não prosegue na discussão. Quando o rapaz de conhecimentos se retirou o senador do riso de leitão foi logo perguntando ao Germano Hasslocher que assistira a pendenga si elle devia se dar por offendido por ter sido chamado animal racional.

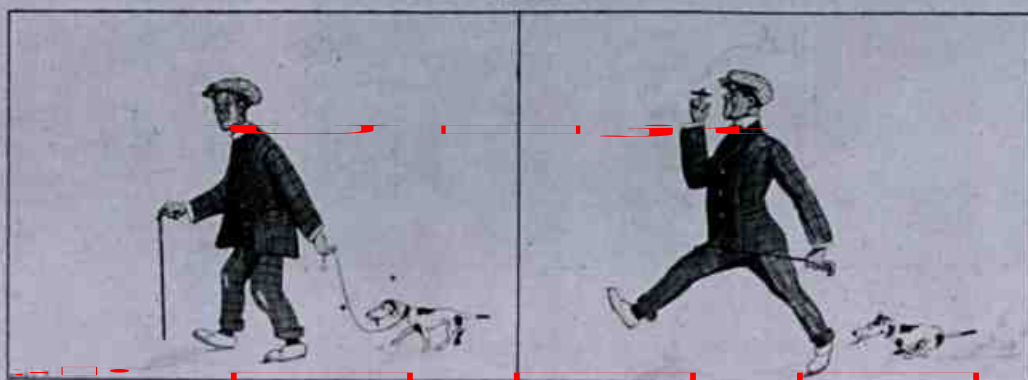
— Está claro que sim! — responde o Germano — Animal racional é o burro, é o cavallo, é o porco que vem procurar ração á porta dos donos. *Racional* vem de *ração*.

Rapadura sahiu á procura do seu contendor para pedir uma satisfação em regra: e só se deu por satisfeito quando o rapaz, irritado, retirou a expressão *animal racional* e berrou:

— Ora, senador, o senhor é irracional!

O "Veedee"

VIBRADOR PARA MASSAGEM

O VEEDEE — O maravilhoso apparelho manual de massagem vibratoria que, n'um sem numero de enfermidades, offerece os mais maravilhosos resultados, comprovados por centenas de attestados, unanimes em proclamarem-lhe as beneficas vantagens. **O VEEDEE** emprega-se com extraordinario effeito nas molestias de estomago, sendo na DYSPERSIA de cura prompta e radical.

RHEUMATISMO E GOTTA

Theoria d'um medico eminente acerca do rheumatismo e gotta

Um medico dos mais abalisados do mundo expõe a seguinte theoria, explicando a causa da dôr do rheumatismo e gotta; — diz:

«Quando o sangue corre do coração para as arterias, no seu estado normal, deve ser puro, mas n'uma pessoa que soffre de rheumatismo, acarreta crystaes duros e microscopicos de acido urico. Estes pequenos cristaes passam bem pelas grandes arterias, porém quando chegam ás suas extremidades, aos vasos capillares, são demasiado grandes para os poderem atravessar, de modo que fazem pressão contra os nervos que os cercam. A irritação causada pela congestão e pressão é a dôr do rheumatismo.

»De qualquer modo estes crystaes têm que fazer a sua passagem atravez dos vasos capillares para as veias, e facilmente se comprehende, pelo que fica exposto, como a fricção ou a massagem manual os auxilia a passar, e portanto a alliviar a dôr.

»Em seguida estes crystaes passam das veias para os pulmões, esperando alli a vez de serem oxidados pelo ar e expulsos do organismo. N'um doente que soffre d'um excesso de acido urico, os pulmões não podem inteiramente expulsar estes crystaes, mas apenas reduzil-os no tamanho, tornando elles portanto a circular com novos crystaes que se vão formando».

AGENTE GERAL PARA TODA AMERICA DO SUL: — EASTON GARRETT

Depositarios Geraes no Brazil:

Orlando Rangel & Comp.

140, AVENIDA CENTRAL — Rio de Janeiro

UNICOS AGENTES EM S. PAULO: BARUEL & C. — RUA DIREITA N. 1, S. PAULO

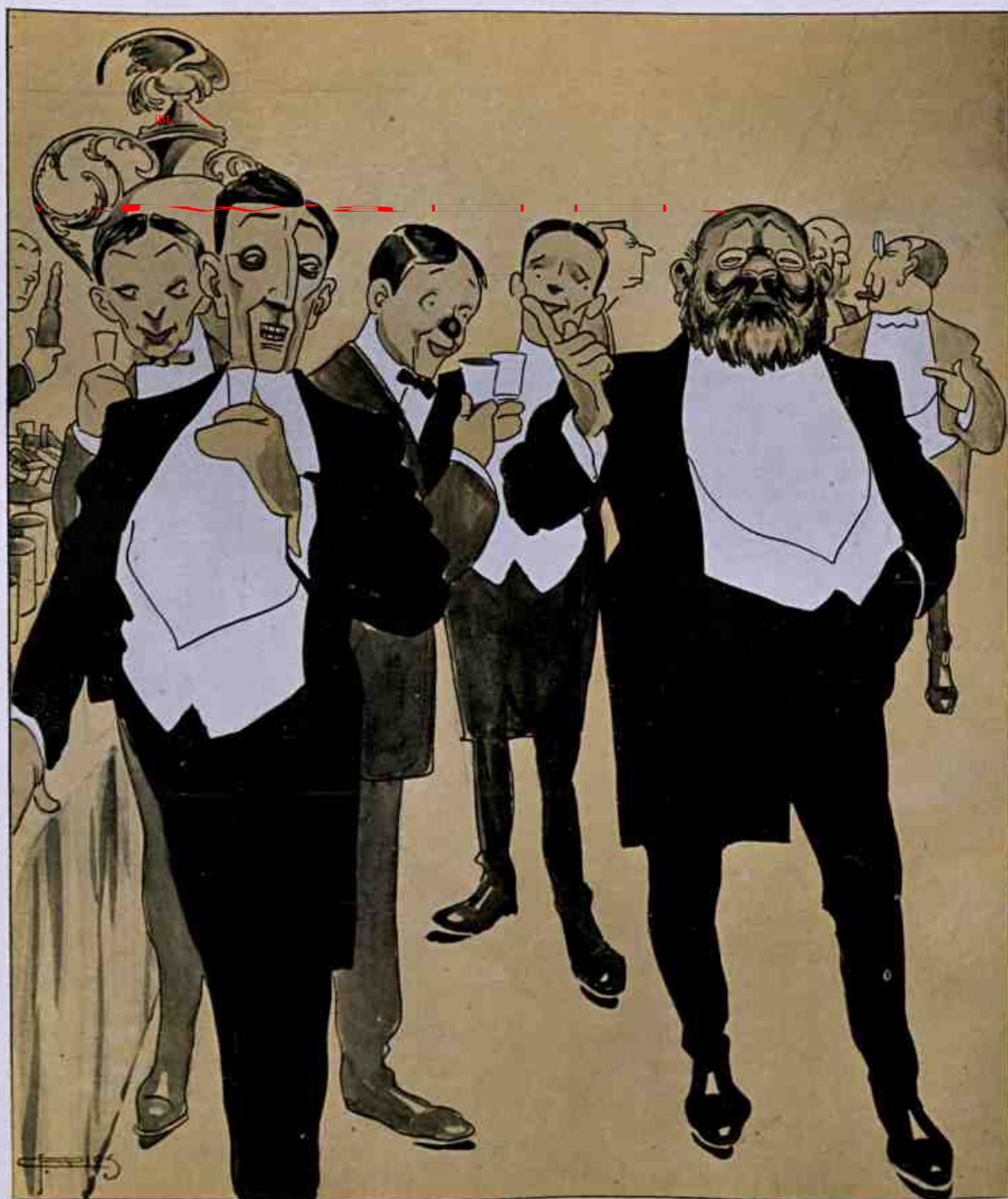
Peça-se folheto explicatorio n. 2

Boa razão

— Deixar de andar de revolver? Nunca! Fique sabendo que um revolver já me salvou a vida.

— Como foi? Conte-me.

— Uma vez estava a morrer de fome e puz um no prego.

NO BUFFET

O commendador. — Os senhores são uns imprudentes. A bebida mata.
O rapaz. — Nem por isso, commendador. Meu pai sempre bebeu muito e já está com noventa annos.
O commendador. — Mas si não bebesse, talvez já tivesse uns cento e vinte.

ANATOLE FRANCE

O CRIME
DE
SYLVESTRE BONNARD

SEGUNDA PARTE

Joanna Alexandra

IV

Aquelle gracejo, embora insignificante no seu sentido, poz-me, ao menos, ao facto de que o estudante a quem chamavam Gélis era um alumno da Escola de manuscriptos antigos. O proseguimento da conversação fez-me saber que o seu visinho, loiro e pallido até ao exaggero, silencioso e sarcástico, era Baulmier, seu condiscipulo. Gélis e o futuro doutor (eu desejo que elle o venha a ser um dia), discorriam ambos com muita phantasia e graça.

Depois de terem-se elevado até ás mais altas especulações, faziam trocadilhos de palavras e diziam tolices, d'essas que são particulares ás pessoas espirituosas; quero dizer, asneiras enormes. Escuso de accrescentar, que não consentiam ambos em apoiar mais que os mais monstruosos paradoxos. Que, diga-se de passagem! Eu não gosto muito dos jovens que são muito razoaveis. O estudante em medicina, tendo olhado o titulo do livro que Boulmier conservava na mão:

— Ora toma! lhe disse, tu lês Michelet!

— Leio sim, respondeu gravemente Boulmier, gosto de romances.

Gélis, que os dominava com a sua bella estatura alta, com o seu gesto imperioso e a sua palavra facil, agarrou no livro e folheou-o, dizendo:

— E' o Michelet da ultima moda, é o melhor Michelet. Nada de narrativa. Coleras, deliquios, uma crise de epilepsia a proposito de factos que elle desdenha expor. Gritos de criança, desejos de mulher grávida, suspiros, e nem uma phrase em forma! E' admiravel!

E tornou o livro ao seu camarada. Esta maluqueira é divertida e não é tão destituida de sentido como a primeira vista parece, disse eu, de mim para commigo. Porque ha, realmente, um tanto de agitação, e direi até mesmo de trepidação, nos recentes escriptos, do nosso grande Michelet.

Mas o estudante provençal affirmou que a historia era um exercicio de rhetorica inteiramente desprezivel. Segundo elle, a unica historia verdadeira é a historia natural do homem. Michelet achava-se em bom caminho quando encontrou a ulcera de Luiz XIV, mas, recahiu inteiramente no velho carril.

Tendo exprimido este judicioso pensamento, o joven phisiologista foi juntar-se a um grupo de amigos que passava. Os archivistas, menos relacionados no jardim, muito distante da rua Paradis-ou Marais, ficaram frente a frente e puzeram-se a conversar dos seus estudos. Gélis, que completava o seu terceiro anno de escola, preparava uma these de que expunha o assumpto com juvenil enthusiasmo. Na verdade, aquelle assumpto pareceu-me bom, e tanto melhor quanto mais eu julguei de meu proprio dever, tratar dentro de pouco tempo, uma parte notavel do mesmo. Era o «Monasticum Gallicanum».

O joven erudito, (eu dou-lhe este nome como um presagio), queria explicar todas as taboas gravadas em 1690 para a obra que D. Germano mandou imprimir sem o impedimento irremediavel e que nunca se prevê. Dom Germano, ao menos, conseguiu deixar, ao morrer, o seu manuscripto completo, e bem ordenado.

Acontecer-me-ha outro tanto com o meu? Mas não é d'isto que se trata. Gélis, tanto quanto me foi dado comprehender, propunha-se consagrar uma noticia archeologica a cada uma das abbadias figuradas pelos humildes gravadores de S. Germano.

O seu amigo perguntou-lhe se elle conhecia todos os documentos manuscriptos e impressos, relativos ao seu assumpto. Foi então que espertei a orelha. Elles fallaram, a principio, das fontes e originaes, devo confessar que o fizeram com methodo sufficiente, apezar dos innumeros e disformes calemburos. Depois referiram-se aos trabalhos da critica contemporanea.

— Já tens a noticia de Courajod? disse Boulmier.

— Bom! bom! disse eu com os meus botões.

— Sim, respondeu Gélis; é um trabalho consciencioso.

— Já lêste, disse Boulmier, o artigo de Tamisey de Larroque na «Revista dos Assumptos Historicos»?

— Bom! bom! disse eu pela segunda vez.

— Li, respondeu Gélis, por signal que encontrei n'ella indicações uteis.

— Já lê-ste, disse Boulmier, o «Quadro das abbadias benedictinas em 1600», por Silvestre Bonnard?

— Bom! bom! disse eu pela terceira vez.

— Por Deus que não! respondeu Gélis. E não sei se lerei. Silvestre Bonnard é um imbecil.

Voltando a cabeça, vi que a sombra ganhara o ponto em que eu me encontrava. Fazia fresco, e eu considerar-me-ia muito pedaço d'asno se me arriscasse a apanhar uma data de rheumatismo, só para escutar as impertinencias de dois fedelhos pretenciosos.

Ah! ah! disse eu levantando-me.

Oxalá que este passarinho tagarella faça a sua these e a discuta. Elle encontrará pela prôa o meu collega Quicherat, ou qualquer outro professor da escola, que lhe mostrará que não passa de um pobre tôlo.

Eu chamo-lhe apropriadamente um garoto, e na verdade, pensando bem, o que elle disse de Michelet é intoleravel e ultrapassa todos os limites da irreverencia. Fallar de tal modo de um mestre tão genial! é abominavel!

17 de Abril

— Thereza, dá-me o meu chapéo novo a minha melhor sobrecasaca e a minha bengala de castão de prata.

Mas Thereza é surda como uma porta e demorada como a justiça. Os annos são d'isso a causa. O peior é que ella julga ter os ouvidos finos e o pé lésto: e, orgulhosa dos seus sessenta annos de honesto serviço domestico, serve o seu velho patrão com o mais vigilante despotismo.

Mas que lhes contava eu?... Ah! Imaginem que ella não me queria dar a bengala de castão de prata com receio de que a perdesse. Verdade seja, que eu esqueço-me frequentes vezes dos guarda-chuvas e das «cangalhas», nos omnibus e nas livrarias. Mas eu tenho razões sufficientes para querer levar o meu velho junco, cujo castão em prata cinzelada representa D. Quichote a galope, de lança em riste, arremettendo contra os moinhos de vento, emquanto que Sancho Pança, de braços erguidos para o céo, em vão supplica a seu amo que se detenha. Esta bengala é tudo quanto me coube como herança de meu tio, o capitão Victor, que foi em sua vida mais parecido com Dom Quichote que com Sancho Pança, e que amava os ferimentos tão naturalmente como de ordinario é costume elles serem temidos.

Ha trinta annos que eu faço uso d'esta bengala, em cada passeio memoravel ou solemne que dou, e as duas figuras do senhor e do escudeiro inspiram-me e aconselham-me. Julgo ouvil-as: D. Quichote diz-me:

— Pensa profundamente nas cousas e não te esqueças de que o pensamento é a unica realidade do mundo. Levanta a natureza á altura da tua estatura e não seja para ti o Universo inteiro mais que o reflexo da tua alma heroica. Combate pela honra; só isso é digno de um homem, e se chegares a receber ferimentos, espalha o teu sangue como um orvalho bemfazejo, e sorri».

E Sancho Pança diz-me por sua vez:

— Fica-te como o céo te fez, meu velhote. Prefere a côdea de pão que se secca na tua saccola ás codornizes que se córam na cozinha do senhor. Obedece a teu senhor, quer ajuizado, quer doido, e não atravanques o cerebro com coisas inuteis. Teme os golpes: procurar o perigo é tentar a Deus».

Mas se o cavalheiro incomparavel e o seu escudeiro sem rival, se acham em effigie no castão d'esta bengala, elles acham-se em realidade no meu fôro interior. Todos nós temos dentro de nós um Dom Quixote e um Sancho Pança, que escutamos, e comquanto D. Sancho nos persuada é D. Quichote que nós admiramos... Mas basta de tolices! e vamos á casa da senhora de Gaby, a tratar de um negocio que está fóra dos moldes ordinarios da vida.

No mesmo dia

Achei a senhora de Gabry vestida de preto e calçando as luvas.

— Estou prompta, me disse ella.

Sempre prompta é que eu a tenho encontrado em todas as occasiões de bemfazer.

Descemos a escada e subimos para a carruagem.

Não sei que secreta influencia eu temia em dissipar, rompendo-o, o nosso silencio ; seguimos pelos largos «boulevards» desertos, olhando, sem dizer nada, as cruzes, as columnas truncadas e as corôas que esperam em casa dos vendedores a sua funebre clientela.

O fiacre parou nos ultimos confins da terra dos viventes, diante da porta em que estão gravadas palavras de esperança.

Caminhamos ao longo de uma aléa de cypreste, seguimos depois por um caminho estreito, apagado entre tumulos.

— E' alli, me disse ella.

No friso armado de tochas cahidas estava gravada esta inscripção :

FAMILIAS ALLIER E ALEXANDRE

Uma grade fechava a entrada do jazigo. Ao fundo, sobrepujando um altar coroado de rosas, uma lapide de marmore ostentava nomes, entre os quaes li os de Clementina e de sua filha.

O que eu então senti, foi alguma cousa de profundo e vago, que só póde exprimir-se pelos sons de uma bella musica. Ouvi instrumentos de uma doçura celeste cantarem na minha velha alma. A's graves harmonias de uma marcha funebre, misturavam-se as notas veladas de um cantico de amor, porque a minha alma, confundia num mesmo sentimento, a triste gravidade do presente e as graças familiares do passado.

Ao deixarmos aquelle tumulo, que a senhora de Gabry perfumára de rosas, atravessámos o cemiterio, sem dizer palavra. Quando de novo nos achamos entre os vivos, a lingua desprendeu-se-me.

— Emquanto vos seguia, nestas aléas silenciosas, disse eu á senhora de Gabry, sonhava com esses anjos das lendas, que encontramos nos confins mysteriosos da vida ou da morte. O tumulo, ao qual me conduzisteis, e que eu ignorava, como quasi tudo o que está em contacto com aquella que elle guarda e aos seus, despertou emoções unicas na minha vida, e que são, nesta existencia, tão ternas como a luz n'um caminho de trevas.

A luz afasta-se, á medida que eu vejo a estrada alongando-se ; acho-me quasi no sopé da ultima encosta, e no entanto, vejo o clarão muito vivaz, toda a vez que me volto para traz.

As saudades baralham-se-me na alma. Sou como um velho carvalho nodoso e musguento, que desperta ninhadas de aves canoras, ao agitar os ramos. Por desgraça, a canção das minhas aves é velha como o mundo e não póde divertir senão a mim.

— Essa canção deixar-me-hia encantada, me disse a senhora de Gabry. Conte-me as suas recordações e falle-me como á mulher velha. Encontrei esta manhã tres fios brancos nos meus cabellos.

— Veja-os chegar sem magua, minha senhora, lhe-respondi : o tempo só é suave para aquelles que o acolhem com suavidade. E quando nos longos annos, uma leve espuma de prata bordar os seus bandós negros, ver-se-á revestida de uma nova belleza, menos viva, mas mais enternecedora que a primeira, e verá o seu marido admirar esses cabellos brancos, egualmente com os anneis negros que lhe deu, quando se casou, e que elle traz n'um medalhão, como uma reliquia santa. Estes «boulevardos» são amplos e pouco frequentados. Poderemos conversar á nossa vontade, caminhando. Dir-lhe-hei, em primeiro logar, como conheci o pae de Clementina. Mas não espere ouvir nada de extraordinario, nada da notavel, porque se tal esperasse, soffreria uma grande decepção.

«O senhor de Lessay, habitava o segundo andar de uma velha casa da avenida do Observatorio, cuja fachada de gesso, ornada de bustos antigos, e o grande jardim inculto, foram as primeiras imagens que se imprimiram nos meus olhos de criança ; e, sem duvida, quando para mim chegar a derradeira hora, ellas serão as ultimas a perpassar por sob as minhas palpebras pezadas. Porque, foi n'aquelle jardim que eu aprendi, emquanto brincava, a sentir e a conhecer algumas parcellas d'este velho universo.

Horas encantadoras, horas sagradas ! quando a alma, completamente fresca, descobre á sua vista o mundo, que para elle se reveste de um brilho acariciador e de um mysterioso encanto. E' que, com effeito, minha senhora, o universo não é mais que o reflexo da nossa alma.

Minha mãe era uma creatura bemaventuradamente dotada. Levantava-se com o sol, como as aves com as quaes se parecia no labor domestico, no instincto maternal, por uma perpetua vontade de cantar e por uma especie de graça brusca, que eu sentia bem, apezar de muito criança.

Ella era a alma da casa, que enchia com a sua actividade ordenada e alegre. Meu pae, era tão pausado quanto ella era cheia de vivacidade. Recordo-me do seu rosto placido, no qual deslizava, por momentos, um sorriso ironico.

Era fatigado e adorava a sua fadiga. Assentado junto á janella, na sua grande poltrona, lia de manhã á noite, e foi delle que eu herdei o amor pelos livros.

Tenho na minha bibliotheca um Mably e um Raynal que elle annotou por sua propria mão, de principio a fim. Escusava alguem esperar que elle se importasse com o mundo.

Quando minha mãe tentava, com as suas graciosas astucias, tiral-o do seu repouso, elle abanava a cabeça, com essa doçura inexhoravel que faz a força dos caracteres fracos. Elle fazia desesperar a pobre mulher, que não entrava nada naquella sabedoria contemplativa e nada comprehendia da vida a não ser os cuidados quotidianos e o seu alegre trabalho de toda a hora. Ella julgava-o doente e temia que elle o fosse cada vez mais. Porém, a apathia d'elle tinha outra causa.

«Meu pae, tendo entrado nas repartições de marinha, sob a auctoridade do senhor Decrè em 1801, deu provas de possuir um habil tacto administrativo.

Era então grande a actividade, no departamento da marinha, e meu pae veio a ser, em 1805, chefe da divisão administrativa. N'esse anno, o Imperador, ao qual elle fôra recommendado pelo ministro, pediu-lhe um relatorio sobre a organisação da marinha ingleza. Este trabalho impregnado sem que o redactor désse por isso, de um espirito profundamente liberal e philosophico, só foi terminado em 1807, dezoito mezes pouco mais ou menos depois da derrota do almirante Villeneuve em Trafalgar.

Napoleão que, depois daquelle sinistro dia, não mais quiz ouvir falar de um navio, folheou a memoria, colérico, e deitou-a ao fogo, exclamando : «Phrases ! phrases ! e mais phrases !»

Contaram a meu pae, que a colera do imperador foi tal naquelle momento que machucou o manuscripto debaixo da bota, no proprio lar da chaminé. Era, de resto, o seu habito, quando se achava irritado, o atiçar o fogo com os pés, até que houvesse chamuscado as solas.

«Meu pae, não mais se rehabilitou d'aquella desgraça, e a inutilidade de todos os seus esforços para bem fazer, foi de certo a causa da apathia na qual mais tarde elle cahiu. No entanto, Napoleão, de volta da ilha de Elba, mandou-o chamar e encarregou-o de redigir, no sentido de um espirito patriotico e liberal, as proclamações e os boletins da armada. Depois de Waterloo, meu pae, mais contristado que surprehendido, ficou de parte, e não tornou a ser inquietado.

Sómente se lembraram de dizer que elle era um jacobino, um bebedor de sangue, um desses homens que não se podem ver. O irmão mais velho de minha mãe, Victor Maldent, capitão de infanteria, posto a meio-soldo em 1814.

(Continúa.)

A EQUITATIVA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

APOLICE N. 13.845

Illm. Sr. superintendente da Equitativa.

Com o coração transbordando de reconhecimento venho agradecer-vos a gentileza de ter vindo com tanta presteza á minha casa effectuar o pagamento de 5:000$, pela apólice sorteada em 15 do corrente, não obstante eu já ter recebido integralmente o seguro, que em tão boa hora effectuou o meu pranteado marido Antonio Pedro de Araújo, nessa riquíssima sociedade. Que seria de mim, viuva, com seis filinhos, pauperrima se não fosse o seguro effectuado pelo meu saudoso marido, na humanitaria Equitativa ?

E eu procurei obstar, fil-o desmanchar o primeiro seguro, não quiz consentir o segundo, devido a conselhos de amigas supersticiosas, e o meu marido, com extraordinaria energia, não attendeu aos meus rogos, tornando effectivo o seguro, que hoje me collocou e aos meus filinhos ao abrigo da necessidade.

Que meu exemplo sirva de licção a muitas mães de familia, supersticiosas, que procuram impedir que seu maridos façam seguros de vida, cujo acto revela um impulso de nobreza e dedicação dos chefes de familia, que procuram garantir o futuro dos seus.

Podeis fazer desta o uso que lhe convier.

Santos, 24 de Abril de 1908.

Vossa adminadora e creada
Celiza Laudares de Araújo

Rua Bittencourt 189.

APOLICES NS. 52.738 9

Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1909.

Illms. Srs. directores da Equitativa dos Estados Unidos do Brazil — Rio de Janeiro — Amigos e Srs. — Já em 15 de Outubro de 1908 tive a satisfação de escrever a VV. SS. agradecendo o pagamento de 5:000$, com que fôra nesse dia contemplada pela segunda vez a minha apólice n. 52.738.

Hoje tenho novamente o prazer de voltar á presença de VV. SS., para, mais uma vez, patentear os meus agradecimentos pelo pagamento que acaba de me ser feito da quantia de outros 5:000$, importancia esta que representa a sorte que me coube hoje, e correspondente á minha apólice n. 52.739.

Pelo que acima fica exposto, verifica-se que em um periodo de anno e meio tive a felicidade de ser contemplado em tres sorteios semestraes consecutivos, e assim receber a quantia de 15.000$ em moeda corrente, sem absolutamente prejudicar as demais vantagens que me conferem as citadas apólices ns. 52.738|9, as quaes ficam em inteiro vigor e, portanto, com direito a concorrerem aos demais sorteios, nos termos do contracto.

Reiterando os protestos de meus agradecimentos, subscrevo-me com alta estima e consideração, de VV. SS., amigo attencioso e obrigado,

Arthur Ivans Q. da Silva

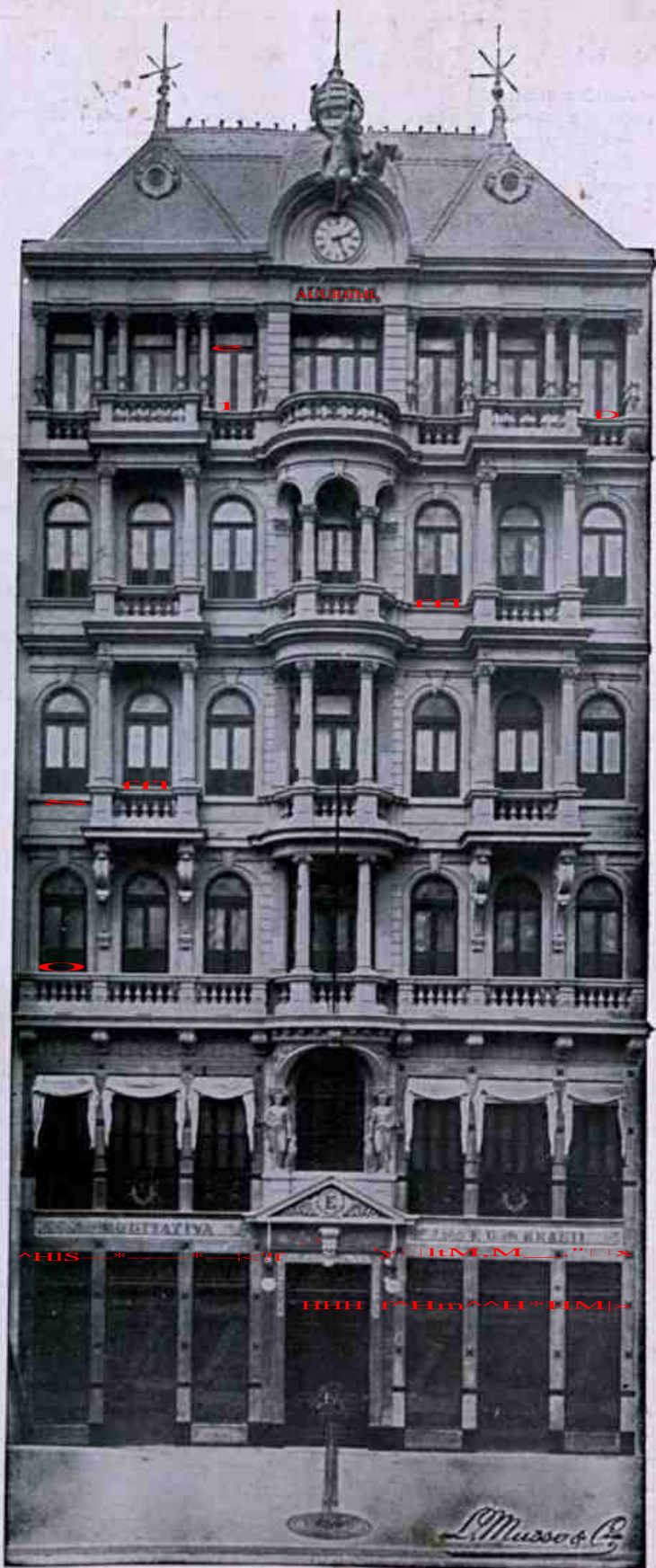
As apólices ns. 40.351/2 e 40.556, referidas na seguinte carta, não obstante haverem sido pagas, em 24 de Novembro de 1909, por fallecimento do segurado, ainda teem de concorrer ao sorteio de 15 de Abril de 1910:

Illmos. Srs. Directores da Equitativa dos Estados Unidos do Brazil. — Nesta.

Amigos e senhores — Dirigindo-me a VV. SS., venho manifestar os meus agradecimentos, como procurador da Exma. Sra. D. Josepha dos Prazeres da Silva, pelo pagamento que promptamente acabam de me fazer da quantia de 15.000$, representada pelas apólices ns. 40.351|2 e 40.556, pertencentes ao Sr. Casemiro de Almeida Possinha, segurado nessa importante sociedade e ultimamente fallecido em Portugal.

Serve esse facto mais uma vez, para demonstrar as indiscutíveis vantagens do seguro de vida, conforme as apólices emittidas pela Equitativa, portanto, além de porporcionar agora á beneficiaria aquella importancia, dá direito á mesma em virtude do semestre differido, a que as apólices ns. 40.351|2 e 40.556 concorrem ao proximo sorteio, em 15 de Abril de 1910, ficando assim essas apólices habilitadas a facultar á referida senhora mais a importancia que naquelle sorteio couber a uma ou a todas aquellas apólices, conforme a serie determinar, o que equivalerá nesse caso a duplicar a importancia que, em vida, havia legado o segurado.

Por esse motivo, não faço mais do que cumprir um comesinho dever lembrando as innumeras vantagens das apólices emittidas por essa benemerita sociedade, subscrevendo-me, com elevada estima e consideração.

De VV. SS. am. atto. e obrig.
José Francisco Soares

Pedir prospectos e tabellas de seguro com sorteios em dinheiro em vida do segurado.

Na séde social e com seus agentes em todos os Estados da União

106, Ouvidor, 106—Filial em S. Paulo: 12, Praça Antonio Prado, 12